



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS, AMBIENTAIS E BIOLÓGICAS
CURSO DE ENGENHARIA DE PESCA

CLARITA SILVEIRA REIS

CARACTERIZAÇÃO, SABERES E TRADIÇÕES DA PESCA ARTESANAL EM
ALCOBAÇA, BAHIA

CRUZ DAS ALMAS – BA

FEVEREIRO – 2019

CLARITA SILVEIRA REIS

CARACTERIZAÇÃO, SABERES E TRADIÇÕES DA PESCA ARTESANAL EM
ALCOBAÇA, BAHIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao Programa de Graduação em Engenharia de Pesca do Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB, como parte dos requisitos para obtenção do título de Engenheira de Pesca.

Orientador: Prof. Dr. Moacyr Serafim Junior

CRUZ DAS ALMAS – BA

FEVEREIRO – 2019

CLARITA SILVEIRA REIS

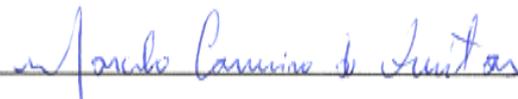
CARACTERIZAÇÃO, SABERES E TRADIÇÕES DA PESCA ARTESANAL EM
ALCOBAÇA, BAHIA

Este Trabalho de conclusão de Curso foi submetido à Coordenação do Curso de Graduação em Engenharia de Pesca como Parte dos requisitos necessários à obtenção do Grau de Bacharel em Engenharia de Pesca, outorgado pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Aprovado em: 15 de Fevereiro de 2019



Prof. Dr. Moacyr Serafim Junior
Orientador
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia



Prof. Dr. Marcelo Carneiro de Freitas
Membro 1
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia



Luiza Teles Barbalho Ferreira
Membro 2
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

“Talvez não tenha conseguido fazer o melhor, mas lutei para que o melhor fosse feito. Não sou o que deveria ser, mas Graças a Deus, não sou o que era antes”.

Martin Luther King

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer, em primeiro lugar, a Deus, pela força e coragem durante toda esta longa caminhada.

Agradeço à Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, que me proporcionou a chance de expandir os meus horizontes. A todos os professores por me promover o conhecimento não apenas racional, mas a demonstração do caráter e a eficiência da educação no processo de formação profissional, por tanto que se dedicaram a mim, não somente por terem me ensinado, mas por terem me feito aprender. A palavra mestre, nunca fará justiça aos professores dedicados aos quais sem nominar terão os meus eternos agradecimentos. Ao professor Moacyr Serafim Junior, pela orientação, apoio e confiança.

Agradeço também ao presidente da Colônia Z-24 de Alcobaça-BA, Pedro Samorony pela colaboração e ajuda juntamente com a comunidade e aos pescadores que participaram do questionário, sem eles nada disso seria possível.

À minha família, por acreditar e investir em mim. Mãe, seu apoio e cuidado foi que deram em alguns momentos, a esperança para seguir. Pai, sua força e dedicação significaram segurança e certeza de que não estou sozinho nessa caminhada.

Obrigada meus avôs, que a todo o momento torciam e oravam por mim, em especial a meu avô Benedito (vovô Big), que não se faz mais presente conosco, mas que tenho certeza que está feliz por mim lá do céu.

Agradeço a minhas tias e tios, primas e primos, minha irmã e meus afilhados, que nos momentos de minha ausência dedicada ao estudo superior, sempre fizeram entender que o futuro é feito a partir da constante dedicação no presente! Não posso deixar de agradecer o meu namorado, que esteve ao meu lado durante todos os meses de elaboração desse trabalho, me ajudando e apoiando.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
1.1. Conhecimento Tradicional dos Pescadores.....	13
2. OBJETIVO	28
3.1. Objetivo Geral:	28
3.2. Objetivos Específicos:	28
3. METODOLOGIA	29
3.1. .Área de Estudo.....	29
3.2. Coleta de Dados.....	30
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	32
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
6. REFERÊNCIAS	45

LISTAS DE FIGURAS

Figura 1. Correntes Marítimas da costa do Brasil.	16
Figura 2. Número de inscritos (pescadores ou não) no RGP e de beneficiários do seguro-defeso, considerando os períodos e a base legal entre 2003 e 2014. Encontrado em IBAMA, 2017.	20
Figura 3. Unidades de Conservação presentes na Costa das Baleias.....	21
Figura 4. Tipos de Rede de Emalhar, superfície (a), meia água (b) e fundo (c).....	25
Figura 5. Tipos de Rede de Arrasto, duplo (a), simples (b) e de parêlhar (c).....	25
Figura 6. Rede de Cerco.	26
Figura 7. Tipos de Espinhel, (a) de fundo e (b) de superfície.....	27
Figura 8. Linha de mão (a) e Pesqueira (b).....	27
Figura 9. Localização geográfica do município de Alcobaça, Bahia.....	29
Figura 10. Escolaridade dos pescadores de Alcobaça em 2018.....	33
Figura 11. Estado Civil, Filiação e Quantidade de filhos dos pescadores de Alcobaça em 2018	33
Figura 12. Pescadores que se consideram pescador profissional e os que são filiados a Colônia de Pescadores de Alcobaça no ano de 2018.....	35
Figura 13. Idade de início na atividade pesqueira e o tempo que atua em Alcobaça	36
Figura 14. Tempo gasto para chegar ao Local de Pesca e sua Distância em Milhas	38

LISTAS DE TABELAS

Tabela 1. Defesos Marinhos na Bahia, Norma, Abrangência, Espécies e Período...	18
Tabela 2. Número de inscritos (pescadores ou não) no RGP, por UF da região Nordeste, Nordeste e Brasil, com respectivas participações relativas em 2003, 2006 e 2014	19
Tabela 3. Pescadores beneficiários do seguro-defeso, por região (a) e UF (b), em 2014.	21
Tabela 4. Quantidade e tipo de embarcações do estado da Bahia, em 2006.	23
Tabela 5. Modalidades de pesca, definição e tipos.....	24
Tabela 10. Influência da Maré e das fases da Lua na Atividade Pesqueira	40
Tabela 9. Nome da Embarcação, Tipo de Embarcação, Material de construção, Tamanho, Potência do Motor, nº de Tripulantes, Arte de Pesca, suas Características, os Pescados mais Capturados e Descartados.....	49

LISTAS DE SIGLAS

MPA – Ministério da Pesca e Aquicultura;

MMA – Ministério do Meio Ambiente;

FAO – Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura;

E-SE – Ventos Lés-sudeste;

E-NE – Ventos Lés-Nordeste;

MPF – Ministério Público Federal;

IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis;

RGP – Registro Geral da Pesca;

MTE – Ministério do Trabalho;

Seap/PR – Secretaria de Estado da administração e da Previdência;

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística;

CPMAC – Grupo de Estudos em Ciências Pesqueiras Marinhas e Continentais.

RESUMO

A pesca artesanal no estado da Bahia possui uma grande importância socioeconômica, principalmente para as comunidades litorâneas e ribeirinhas. É uma atividade tradicional, de âmbito familiar, passado de geração em geração. O objetivo deste trabalho foi caracterizar a pesca artesanal no município de Alcobaça - BA, por meio do perfil socioeconômico dos pescadores e os conhecimentos ecológicos tradicionais adquiridos por eles. Os pescadores foram entrevistados com auxílio de questionários estruturados, adaptado do Grupo de Estudos em Ciências Pesqueiras Marinhas e Continentais (CPMAC), com o intuito de coletar dados gerais e informações sobre a pesca na região: Características da atividade pesqueira; Aspectos Legais; Aspectos Ambientais; e Etnoconhecimento do pescador local. A maior parte dos pescadores (87,88%) é filiada à colônia dos pescadores. A pesca local foi caracterizada pela predominância de barco com comprimento de 06m a 14m (75%), atuando em sua maioria com rede de espera (23,81%), linha de mão (21,43%), rede de arrasto (19,05%) e espinhel (16,67%). A marcação do local de pesca é feita tanto por marcos naturais (43,75%), quanto por GPS (56,25%), sendo que mais da metade deles trabalham perto da costa, de 02 a 35 milhas (52%) e gastam de 00:30h a 06:00h (72,41%), para chegar ao local de pesca, usando a urna do barco (45,45%) e o isopor com gelo (36,36%) para o armazenamento do pescado, tendo aqueles (12,12%) que trabalhe com o pescado fresco. A comercialização dos pescados é realizada em frigoríficos (65,71%), são também vendidos para populares (17,14%) ou repassado a atravessadores (11,43%). Os pescadores, sua maioria, preferem pesca no período da noite (68,75%), sobre a influência da Lua Cheia (34,37%) e Minguante (25%) e a Maré Grande (34,37%) e Morta (25%), as épocas que mais capturam pescados é o inverno (48,57%) e o verão (42,865). Sobre os aspectos legais, 87,5% dos pescadores tem conhecimento sobre algumas das leis da pesca, onde seguro defeso é ou já foi recebido, por 81,25% dos pescadores, sendo que dos desprovidos deste benefício (18,75%), apenas 35,36% são filiados a colônia. A maioria dos pescadores (75%) vem notando mudança na captura do pescado e aponta o estuário poluído (93,75%). Apontaram também outros problemas relacionados à pesca, assim como sugestões para resolvê-los, a falta de reconhecimento e a união do setor foi algo muito citado por eles, assim como a necessidade de conscientização da comunidade, para a realização de projetos profissionalizantes e de recuperação do meio ambiente. Esses resultados demonstram a necessidade de medidas educativas para com os pescadores e o desenvolvimento de estratégias para garantir a sustentabilidade pesqueira local e promover a valorização dos pescadores artesanais.

Palavras-chave: Embarcação; Etnoconhecimento; Apetrecho; Aspectos Legais; Aspectos ambientais.

ABSTRACT

The artisanal fishing in the state of Bahia has a great socioeconomic importance, mainly for the coastal and riverside communities. It is a traditional family activity, passed from generation to generation. The main goal of this research was to characterize artisanal fishing in Alcobaça - BA, through the socioeconomic profile of the fishermen and the traditional ecological knowledge acquired by them. The fishermen were interviewed through structured questionnaires, adapted from the Marine and Continental Fisheries Science Studies Group (CPMAC), with the aim of collecting general data and information about fishing in the region: Characteristics of the fishing activity; Legal Aspects; Environmental Aspects; and Ethnoconference of the local fisherman. Most fishermen (87.88%) are affiliated with the fishermen's association (called Colônia). Local fishing was characterized by the predominance of boats from 06m to 14m (75%) in length, acting mostly with fishing nets (23.81%), trawling (19.05%), fishing line (21.43%) and long line using multiple hooks called espinhel (16.67%). The demarcation of the fishing site is done by both natural landmarks (43.75%) and GPS (56.25%), with more than half of them working near the coast up from 02 to 35 miles (52%) and they spend from 00:30 to 06:00 (72.41%) to reach the fishing site, using a kind of fish hold called urna (45.45%) and the styrofoam with ice (36.36%) for fish storage, with those (12.12%) working with fresh fish. The commercialization of the fish is carried out in fishmongers also called frigoríficos (65.71%), they are also sold to the population (17.14%) or passed on to brokers (11.43%). Most fishermen prefer fishing at night (68.75%), on the influence of Full Moon (34.37%) and Waning Crescent Moon (25%) and spring tides (34.37%) and neat tides (25%), they catch lots of fish in winter (48.57%) and summer (42,86%). Regarding the legal aspects, 87.5% of the fishermen are aware of some of the fishing laws, in which the insurance for the period of fishing ban is or has already been received, by 81.25% of the fishermen, and of those deprived of this benefit (18.75%), only 35.36% are affiliated to the fisherman's association (colônia). Most fishermen (75%) have noticed a change in the way the fish is captured and pointed the pollution of the estuary (93.75%). They also pointed out other problems related to fishing, as well as suggestions for solving them, the lack of recognition and the union of the sector were issues highlighted by them, as well as the need for community awareness through the realization of professional projects and recovery of the environment. These results demonstrate the need for educational measures towards fishermen and the development of strategies to ensure local fishery sustainability and promote the valuation of artisanal fishers.

Keywords: Vessel; Ethnoconference; Accessory; Legal Aspects; Environmental Aspects

1. INTRODUÇÃO

Pesca, segundo a Lei nº 11.959, é toda a atividade, ação ou operação voltada à captura, extração, apreensão, recolhimento ou colhimento dos recursos pesqueiros (Lei 11.959/2009, Art. 2º, Inciso III). O pescador profissional exerce a pesca para fins comerciais, é licenciado pelo órgão público competente (Lei 11.959/2009, Art. 2º, Inciso XXII).

A atividade pesqueira é encontrada em quase todo o litoral do mundo, e não é diferente no Brasil, onde se destaca pela sua importância econômica e pela sua função social (RODRIGUES *et al.*, 2011). O Brasil possui, aproximadamente, 970 mil pescadores registrados, até setembro de 2011, destes 98% (957 mil) são pescadores artesanais (RÊGO *et al.*, 2018). A produção de pescado artesanal no Brasil, em 2016, foi equivalente a 90,9 milhões de toneladas (FAO, 2018), estando entre as quatro maiores fontes de proteína animal para o consumo humano no país (IBAMA, 2002). Essa atividade gera um grande impacto social e econômico no Brasil, principalmente em comunidades costeiras e ribeirinhas, onde esta é a principal fonte de renda.

O nordeste foi o estado que mais produziu, contribuindo com 34% da produção nacional, e deste, 75% veio da pesca artesanal (MPA, 2012). Na Bahia a produção pesqueira marinha extrativa é oriunda predominantemente ou exclusivamente da pesca artesanal. A população Alcobacense vive, em sua maioria, da pesca artesanal, maior fonte trabalhista existente no município, com uma grande contribuição cultural e turística. De acordo com o Ministério do Meio Ambiente (MMA, 1996), toda a região Alcobacense e circunvizinha apresenta grandes recursos pesqueiros e um elevado potencial de turismo ecológico, ainda pouco explorado.

A pesca é uma atividade complexa, levando em consideração a diversidade de espécies, seus estoques e seus inúmeros habitats. Necessitando assim da utilização de petrechos seletivos, diferentes tipos de embarcações e estratégia de operação, para a captura do pescado desejado. A necessidade e a possibilidade de estar constantemente em contato com o ambiente natural proporcionam aos

pescadores alcançar a compreensão sobre o meio e seus recursos, o que os ajudam a lidar com toda esta variedade. Estes conhecimentos são majoritariamente adquiridos por meio de experiências e convívio, pelos vínculos das famílias, transmitidos de geração em geração, pelos mais velhos da comunidade ou pela interação com os companheiros de pescaria e com o meio de trabalho.

Descrever a pesca artesanal como aquela que atua com barcos de pequeno porte, propulsionado a remo, a vela ou por motor de baixa potência, e a pesca industrial como a que usa grandes embarcações com técnicas eficientes de conservação e armazenamento do pescado, são as definições mais usualmente aceita (LOPES, 2004). Já a FAO caracteriza a pesca artesanal como uma atividade de baixa renda e produtividade (FAO, 1975). No Brasil, o conhecimento sobre a Pesca, em geral, são gerados por meio de diferentes metodologias sem uma precisão adequada, produzindo informações inacabadas e descontínuas (CASTRO *et al.*, 2008).

De acordo com o Projeto de Lei nº 11.959, a pesca pode ser classificada em comercial e não comercial (Lei nº 11.959/2009, Art. 8º, Inciso I e II). A pesca comercial inclui a pesca artesanal, a pesca de pequena escala e a pesca de grande escala. Já a pesca não comercial envolve a pesca científica, a pesca amadora e a pesca de subsistência. Tendo ela como base, Lopes (2004) defini as pescas ditas como comerciais:

Pesca Comercial Artesanal é aquela que é praticada autonomamente, diretamente por pescador profissional, com meios de produção próprios, sozinho ou com auxílio de familiares, ou via contrato de parceria com outros pescadores; Pesca Comercial de Pequena Escala é praticada por pessoa física ou jurídica envolvendo, no entanto, pescadores profissionais, com vínculo trabalhista ou via contrato de parceria, utilizando embarcações de pequeno porte; Pesca Comercial de Grande Escala é praticada como a pesca comercial de pequena escala, porém utilizando embarcações de grande porte. É geralmente praticada por indústrias pesqueiras. (LOPES, 2004, p.15).

A descrição de Pesca Industrial e Artesanal não possui um critério preciso que os diferenciam, a qual varia de acordo com a região ou Estado (LOPES, 2004). As características que distinguem os tipos de pesca variam até mesmo entre os

pescadores. Por exemplo, um pescador proprietário de uma única embarcação de pequeno porte, que, no entanto se dedicada, diretamente, à pesca da sardinha, onde sua produção esteja direcionada ao setor industrial, se considera um pescador artesanal (JABLONSKY, 1996). Para podermos diferenciar melhor um tipo de pesca da outra, podemos subdividi-la em subcategorias. De acordo com Lopes (2004), a pesca artesanal pode ser dividida em duas classes: Pesca Artesanal Comercial ou de Pequena Escala e Pesca Artesanal de Subsistência.

A Pesca Artesanal de Subsistência tem como principal finalidade a obtenção de alimentos para consumo próprio. Eventualmente, há comercialização do excedente. É praticada com técnicas rudimentares, possui pouca finalidade comercial e a eventual comercialização é realizada pelo próprio pescador; A Pesca Artesanal Comercial ou de Pequena Escala, combina a obtenção de alimento para consumo próprio com a finalidade comercial, isto é, contempla a obtenção de alimento para as famílias dos pescadores ou para fins exclusivamente comerciais. Utilizam barcos de médio porte, adquiridos em pequenos estaleiros ou construídos pelos próprios pescadores. Podem ter propulsão mecanizada ou não. Os petrechos e insumos utilizados não possuem qualquer sofisticação. Utilizam normalmente equipamentos básicos de navegação, em embarcações geralmente de madeira, com estrutura capaz de produzir volumes pequenos ou médios de pescado. Forma a maior porção da frota brasileira e acredita-se responder por aproximadamente 60% do volume das capturas nacionais (LOPES, 2004, p.14).

A Lei nº 11.959 definiu a pesca comercial artesanal como aquela praticada por pescador profissional, em regime familiar ou de forma autônoma, por meios de produção própria ou por contrato de parceria, desembarcado ou utilizando embarcações de pequeno porte (Lei nº 11.959/2009, Art. 8º, Inciso I, “a”). Considera também, os trabalhos de confecção e de reparos de petrechos e artes de pesca, os conserto e melhorias realizados em embarcações de pequeno porte e o processamento do pescado, como pesca artesanal (Lei nº 11.959/2009, Art. 4º, parágrafo único).

As definições de Lopes (2004) apontam que além do tipo de embarcação e dos apetrechos usados na Pesca Artesanal, o comportamento, planejamento e a atuação do homem, durante a atividade, está diretamente relacionada com a obtenção dos pescados e da sua comercialização, independentemente da destinação do produto, seja ela comercial ou para o próprio consumo.

Desta forma se torna mais claro a classificação da pesca, assim, a atividade pesqueira artesanal que nos referimos neste trabalho, refere-se à pesca comercial

artesanal. Por não ser uma atividade voltada para subsistência e sim para fins comerciais, mesmo sendo envolvida com a comunidade tradicional, onde o tamanho da embarcação ou o pescado foco capturado, nada diz respeito sobre o objetivo da atividade.

1.1. Conhecimento Tradicional dos Pescadores

A pesca artesanal é um sistema composto pela relação do meio social e natural, pelos conhecimentos e ferramentas que se encontram acessíveis pela comunidade (FRIZZO; ANDRADE, 2005). Segundo Rudlle (2000) o conhecimento tradicional é aquele que possui uma base na cultura local e seu sistema ecológico, onde este muda com o tempo e não é estático, proporcionando a continuidade do conhecimento. As comunidades tradicionais de pesca são constituídas por profissionais que há gerações vem se dedicando a atividade pesqueira, agregando assim uma cultura determinada (ARAÚJO, 2015).

O conhecimento tradicional na pesca artesanal é entendido como um conjunto de práticas culturais, assimilação das habilidades práticas e transmissão, deste, nas comunidades, com a função de garantir a propagação do seu modo de vida pelos pescadores artesanais com sua relação com o meio ambiente aquático e com a própria sociedade (DIEGUES, 2004). Assim, tornam-se notável a importância dos estudos etnoecológicos na cidade de Alcobaça, informações que valorizam o conhecimento ecológico local.

Etnoecologia é o estudo das interações entre a humanidade e o resto da ecosfera, através da busca da compreensão dos sentimentos, comportamentos, conhecimentos e crenças a respeito da natureza, característicos de uma espécie biológica (*Homo sapiens*) altamente polimórfica, fenotipicamente plástica e ontogeneticamente dinâmica, cujas novas propriedades emergentes geram múltiplas descontinuidades com o resto da própria natureza. Sua ênfase, pois, deve ser na diversidade biocultural e o seu objetivo principal, a integração entre o conhecimento ecológico tradicional e o conhecimento ecológico científico (MARQUES 2001: p.49).

Considerada uma das atividades mais antiga do mundo, a atividade pesqueira proporcionou às inúmeras gerações de pescadores condições únicas de conhecimento empírico formada gradualmente ao longo do tempo, em especial quanto à compreensão sobre as diversas épocas de reprodução, áreas de concentração de cardumes, comportamento das espécies alvo, além dos aspectos morfológicos. Os pescadores adquiriram também a compreensão sobre os regimes de ventos, correntes marítimas, o clima, e desenvolveram técnicas necessárias à navegação a partir destes conhecimentos (DIEGUES, 2004).

O conhecimento gerado e passado entre os pescadores artesanais e as práticas associadas a ele, segundo Ruddle (2000), instrui e dá suporte para o funcionamento da atividade pesqueira na comunidade, e são à base das decisões e estratégias de pesca. Combinando informações sobre o recurso e seu habitat, eles conseguem garantir uma captura regular e, muitas vezes, a sustentabilidade, em longo prazo, das atividades pesqueiras. O conhecimento tradicional proporciona uma base de informação essencial para o manejo dos recursos pesqueiros locais, principalmente onde os dados biológicos raramente estão disponíveis.

Segundo Holms (2003), o conhecimento ecológico tradicional na pesca é distribuído igualmente entre todos os pescadores, porém o nível de instrução varia em função do tempo de experiência na pesca e a função do pescador no sistema de pesca. O conhecimento do mestre é, em geral, maior que o do pescador de convés, o do homem é diferente do da mulher e varia com o tipo de tecnologia usada na pesca. O meio ambiente marinho determina os tipos de aparelhos de pesca, a maneira pela qual o pescador captura os peixes depende do ciclo de vida em que eles são encontrados.

A vida marítima dos pescadores é definida pelas correntes das águas, pela sua instabilidade, provocada pelos fatores oceanográficos e meteorológicos, e pelas variações de seus recursos, migração, padrões de reprodução, entre outros (DIEGUES, 2004). A vida do pescador também é marcada pelos medos, pela incerteza da produção, a oscilação dos preços, e pelos perigos reais de acidentes e naufrágios.

Com o passar dos anos a pesca e a cultura local, vem sendo descaracterizada, os métodos tradicionais de extração e de convivência do pescador com os recursos vêm sendo alterados pelo desenvolvimento econômico, com a introdução de embarcações maiores e novas tecnologias, cada vez mais acessíveis. Buscando caracterizar os fatores da pesca atual, local e os aspectos ambientais, destacando os conhecimentos empíricos e a sua importância socioeconômica.

Sabe-se que estudos desenvolvidos no setor pesqueiros são importantes, para geração de conhecimento entre o meio e o homem. Mesmo com todos os recursos ambientais a oferecer, o município de Alcobaça ainda é iniciante e carente de informações na área pesqueira e biológica. Com um amplo conhecimento tradicional já existente é necessário informar nossos pescadores e afins a importância de integrar os seus conhecimentos com os científicos, para melhorar suas ações de manejo e preservação pesqueira.

1.2. Aspectos Legais e Ambientais

O Brasil possui uma grande variabilidade climática e diferentes condições oceânicas, com plataforma continental ampla e de largura variável, que influencia na existência de diferentes recursos a serem explorados, que influi nas modalidades de pesca e suas muitas particularidades, diferentes níveis tecnológicos de captura baseados na disponibilidade de matéria prima (SILVA, 2014).

O mar que banha a costa do Brasil tem suas condições ambientais determinadas, basicamente, por três correntes: A Corrente da Costa Norte do Brasil; A Corrente do Brasil; A Corrente das Malvinas (Figura 1). Na região Nordeste tem uma predominância das características da Corrente do Brasil, por essa razão, apresenta baixa produtividade (IBAMA, 2002).

A Corrente do Brasil possui temperatura e salinidade altas e são pobres em sais nutrientes, juntamente com a alta profundidade da termoclina, da região que ocorre essa corrente, não deixa os sais nutrientes alcançarem a zona trófica, tornando a produtividade do mar baixa nestas regiões, por não favorecer a produção

primária. A mudança de direção da Corrente do Brasil juntamente com os ventos predominantes de uma área e a topografia do fundo cria a ressurgências (IBAMA, 2002), aumentando os sais nutrientes na zona trófica.

No Extremo Sul da Bahia, região do presente estudo, possui uma plataforma larga e com baixos gradientes batimétricos (SANTOS, 2006). Na sua zona costeira encontram-se ecossistemas frágeis, como restingas, manguezais, terras úmidas e recifes de corais. De acordo com Leão & Dominguez (2000), esta região abrange a maior e a mais rica área, de toda costa do Brasil, com recifes de corais. O Banco de Abrolhos, uma das mais importantes feições da região, junto com os outros ecossistemas existentes, faz da zona costeira e oceânica adjacente local uma área com alta produção biológica, considerada a mais produtiva da costa Baiana.

Figura 1. Correntes Marítimas da costa do Brasil.



Fonte: IBAMA, 2002.

Nesta região se encontra um elevado e constante nível pluviométrico durante o ano, onde as estações de seca ou de chuva não são definidas. A Costa das

Baleias é assolada por ventos de E-SE durante o outono inverno e por ventos E-NE durante a primavera e o verão (SANTOS, 2006). As marés locais apresentam características de micromarés semidiurnas com alcance máximo de 2,13 m, nas marés de sizígia (DHN, 1999).

A redução dos estoques pesqueiros tem como principal agente eventos como mudanças climáticas, variações no nível do mar e na temperatura dos oceanos, com impactos na produtividade primária e em seus habitat específico. Junto a estes, a poluição agrícola, por fertilizantes e defensivos (FAO, 2003), industrial e urbana, aumento da descarga de dejetos domésticos e industriais (LEITE, 2009), a ocupação desordenada da orla marítima incluindo a supressão de manguezais, dunas e restingas (SILVA *et al.*, 2008) , que contribuem de forma global, para agravar ainda mais os estoques pesqueiros.

Segundo Silva (2014), o esforço de pesca focado num pequeno grupo de recursos tradicionalmente explorados, o crescimento da atividade pesqueira ao longo da história, a falta de planejamento do setor, o uso de métodos inadequados de captura, sendo muitas vezes predatória, a poluição costeira por ação antrópica, a reduzida ação de política pesqueira e incentiva econômicos para a pesca artesanal, entre outros, são os principais responsáveis pela situação atual da pesca. Para Diegues (2004), a diminuição dos estoques pesqueiros, muitas vezes, está mais relacionada a falhas de planejamento que aos fatores biológicos. Uma das dificuldades encontradas é a de se prever o comportamento das espécies e a situação futura dos estoques, dada a complexidade dos elementos envolvidos.

Dessa maneira, é necessário adotar práticas sustentáveis para garantir um “equilíbrio” entre a pesca e os recursos naturais. O desenvolvimento sustentável da atividade pesqueira dar-se-á mediante a gestão do acesso e uso dos recursos pesqueiros, a determinação de áreas especialmente protegidas, a participação social, a capacitação da mão de obra do setor pesqueiro e a educação ambiental (Lei no 11.959/2009, Art. 7º). Em relação à pesca artesanal não existe pesquisas que determine uma taxa de exploração, considerada sustentável (CAVALCANTE, 2013). Portanto, os desafios exigem uma ação multidisciplinar, conforme as características e necessidades da pesca em cada região.

Por essa razão existe o período defeso de certas espécies alvos por região (Tabela 1), que consiste na proibição da captura da espécie, temporariamente, para garantir sua preservação (MPF, 2017), usando as épocas de reprodução e/ou recrutamento como parâmetros, assim como as reduções causadas por fenômenos naturais ou antrópicos (Lei no 11.959/2009, Art. 2º, Inciso XIX). Os pescadores profissionais que atuam de forma artesanal, ininterrupta, individualmente, ou em regime de economia familiar, recebem uma assistência financeira temporária no valor de um salário-mínimo mensal, durante o período defeso (IBAMA, 2017).

Tabela 1. Defesos Marinhos na Bahia, Norma, Abrangência, Espécies e Período.

Norma	Abrangência – Espécie	Período		Observações
		Início	Fim	
IN MMA nº14/2004	Litoral de Alagoas (AL) até Bahia (BA)	01/abr	15/mai	<ul style="list-style-type: none"> • Camarão Rosa, Sete-Barba e Branco •Desembarque tolerado por 02 dias corridos
	Litoral da Bahia (BA), de Camaçari até limite sul do estado - Camarão	15/set	31/out	<ul style="list-style-type: none"> •Declarações de estoque até 5º dia útil, no IBAMA.
IN SEAP nº21/2008	Todo o litoral brasileiro - Caranguejo Real	01/jan	30/jun	Permite pesca além de 700m de profundidade.
Portaria Ibama nº34/2003	Litoral Norte/Nordeste (Pará (PA) até Bahia (BA)) – Caranguejo - Uçá	01/dez	31/mai	Permite a captura de machos.
IN Ibama nº206/2008	Todo o litoral brasileiro - Lagosta verde e vermelha	01/dez	31/mai	<ul style="list-style-type: none"> • Prazo de 3 dias para transporte terrestre e estocagem. • Declarações de estoque até 07/12, no IBAMA.
Portaria Ibama nº49/1992	Bahia (BA) - Litoral e águas interiores - Robalo, Robalo-Branco e Camurim	15/mai	31/jul	Desembarque tolerado até 16/05

Fonte: <http://www.ibama.gov.br>, última atualização 2018. Elaborado pelo autor.

O número de pescadores registrados, relativo ao seguro defeso, no Registro Geral da Atividade Pesqueira (Tabela 2), no Brasil, em 2003, é de 414.387 e chegam à 1.025.593 pescadores em 2014, correspondendo a um crescimento de 147%. O Nordeste foi à região que apresentou o maior número de pescadores registrados neste período, com um incremento de 210%, passando de 162.443 (39,20% do total) para 503.692 (49,11% do total) pescadores. A Bahia representa o maior número de pescadores por UF da região, com 10,21% (42.293), em 2003, tendo um pequeno incremento inferior a 2% em 2014, dando em 12,19% (125.064) neste ano, ficando atrás do Maranhão que possuía 18,59% (190.611) do total, em 2014.

Tabela 2. Número de inscritos (pescadores ou não) no RGP, por UF da região Nordeste, Nordeste e Brasil, com respectivas participações relativas em 2003, 2006 e 2014

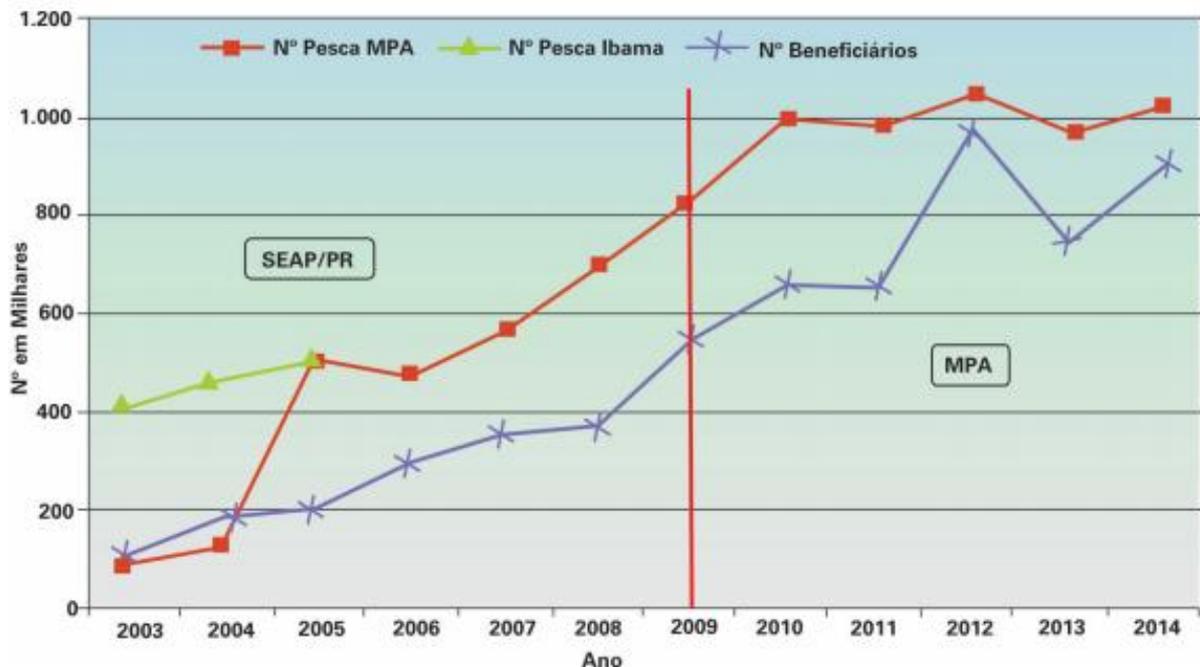
Região/UF	2003*		2006**		2014***	
	Nº pescadores	%	Nº pescadores	%	Nº pescadores	%
Maranhão	30.372	7,33	45.756	11,7	190.611	18,59
Piauí	7.007	1,69	10.923	2,8	39.014	3,8
Ceará	22.503	5,43	15.094	3,86	23.173	2,26
Rio G. do Norte	22.437	5,41	19.934	5,1	25.547	2,49
Paraíba	13.428	3,24	11.905	3,05	30.391	2,96
Pernambuco	5.740	1,39	5.017	1,28	13.929	1,36
Alagoas	8.413	2,03	10.592	2,71	23.901	2,33
Sergipe	10.250	2,47	8.812	2,26	32.062	3,13
BAHIA	42.293	10,21	36.851	9,43	125.064	12,19
NORDESTE	162.443	39,2	164.854	42,19	503.692	49,11
BRASIL	414.387	100	390.761	100	1.025.593	100

Fonte: *IBAMA, **SEAP/PR(2006) e *** SisRGP-MPA. Encontrado em IBAMA, 2017, p. 2 8-29. Editado pelo autor.

A partir do número de pescadores, por ano, encontrado na Tabela 1, e do número de beneficiados com o seguro defeso entre 2003 e 2014, segundo o MTE foi elaborado a Figura 2. Constam ainda os dados da extinta Seap/PR dos anos 2003 e 2004, que não devem corresponder à realidade, já que os números dos beneficiários, no mesmo período foram superiores. É possível constatar uma

evolução similar entre o número de beneficiários e o de pescadores registrado no RGP, no período ilustrado.

Figura 2. Número de inscritos (pescadores ou não) no RGP e de beneficiários do seguro-defeso, considerando os períodos e a base legal entre 2003 e 2014. Encontrado em IBAMA, 2017.



Fonte: Ibama, MPA e MTE – Encontrado em IBAMA, 2017, p.31.

Na Tabela 3, “a”, podemos observar o número de beneficiários do seguro-defeso em 2014. A Região Nordeste encontra um maior número de pessoas, 481.592, correspondendo a 53% do total. Já na Tabela 3, “b”, tem como a unidade da Federação com o maior número de beneficiários o Pará com 20,5% (185.545), a Bahia se encontra em terceiro com 149.541, que corresponde a 16,5% do total.

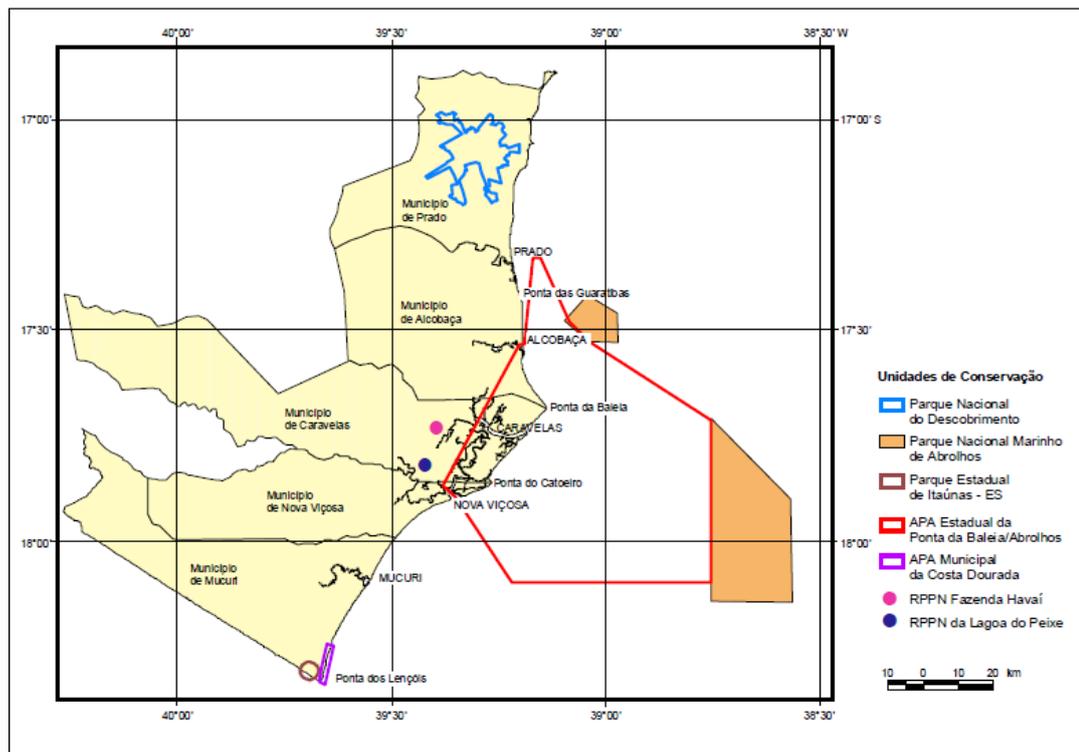
Na Costa das Baleias e na plataforma continental vizinha se encontra sete Unidades de Conservação (U.C.), estando entre elas o Parque Nacional Marinho de Abrolhos, com área de 91.235 hectares e a Área de Preservação Ambiental (APA) Estadual Ponta da Baleia/Abrolhos, área de 34.600 hectares (SANTOS, 2006), que estão associadas diretamente aos pescadores de Alcobaça, Bahia (Figura 3). Assegurando aos mesmos o uso sustentável dos recursos naturais locais.

Tabela 3. Pescadores beneficiários do seguro-defeso, por região (a) e UF (b), em 2014.

REGIÃO	Beneficiários 2014	UF	Beneficiários 2014	Participação %
NORDESTE	481.592	Pará	185.545	20,5
NORTE	324.528	Maranhão	178.569	19,73
SUDESTE	48.474	Bahia	149.541	16,54
SUL	34.502	Amazonas	92.550	10,23
CENTRO-OESTE	15.824	Sergipe	35.765	3,95
BRASIL	904.650	Piauí	35.471	3,92
		Alagoas	26.904	2,97
		Paraíba	23.505	2,6
		Santa Catarina	18.434	2,04
		Amapá	17.775	1,96
		Demais UFs	140.591	15,54
		Brasil	904.650	100

Fonte: MTE - Encontrado em IBAMA, 2017, p.32.

Figura 3. Unidades de Conservação presentes na Costa das Baleias.



Fonte: MMA, 2005. Encontrado em SANTOS, 2006, p.22.

1.3. Embarcações, Artes e Procedimentos da Pesca Artesanal

Segundo a Lei nº 11.959, embarcação de pesca é aquela registrada e que opera com exclusividade na pesca, aquicultura, na conservação e processamento do pescado, no seu transporte ou na pesquisa dos recursos pesqueiros (Lei nº 11.959/2009, Art. 10, Inciso I, II, III, IV, V e VI). As embarcações são comumente classificadas de acordo com as artes empregadas na pesca (SAFESEA, 2012), ou seja, o tipo de equipamento utilizado para capturar certo recurso pesqueiro (CALDASSO, 2008). Elas podem ser classificadas, também, conforme o seu tamanho, seu porte.

As embarcações que operam na pesca comercial se classificam em: I – de pequeno porte: quando possui arqueação bruta - AB igual ou menor que 20 (vinte); II – de médio porte: quando possui arqueação bruta - AB maior que 20 (vinte) e menor que 100 (cem); III – de grande porte: quando possui arqueação bruta - AB igual ou maior que 100 (cem). (Lei nº 11.959/2009, Art.10, parágrafo 1, Inciso I, II e III).

Na Bahia as informações sobre a frota pesqueira eram adquiridas e disponibilizadas pelo MPA – BA, a partir do RGP e pelo IBAMA juntamente com BAHIA PESCA/SEAP (RIOS, 2013). De acordo com o IBAMA, na Bahia existem mais de 20mil embarcações, sendo cerca de 60% artesanais, porém, apenas a Bacia do Rio São Francisco possui 11.344 mil embarcações (IBAMA, 2008), assim este número não representa o número real total das embarcações.

Os dados do MPA – BA são obtidos pelo cadastramento das embarcações no RGP, onde se faz necessário o deslocamento do pescador à Salvador, a sede do MPA – BA. Foram cadastradas no RGP apenas 3.431 mil embarcações, em 2011, onde elas estavam classificadas em três categorias: embarcações a remo, embarcações a motor e embarcações a vela, sendo a maioria motorizada (2.321) (MPA, 2011), porém mais de 60% das embarcações do estado é a remo (RIOS, 2013).

O IBAMA usa uma metodologia diferente do MPA, onde não se faz necessário o deslocamento do pescador e os dados são adquiridos por pesquisas diretas nas comunidades. No ano de 2006, a Bahia possuía 11.429 mil embarcações, segundo o IBAMA, onde elas se classificavam em nove categorias: bote a remo, canoa a remo,

bote de alumínio, jangada, barco a vela, bote motorizado, canoa a motor, saveiro e lancha industrial pequena (Tabela 4). Destacando a canoa a remo com mais de 50% (6.519 mil) da frota do estado.

Tabela 4. Quantidade e tipo de embarcações do estado da Bahia, em 2006.

Tipo de Embarcação	Quantidade
Canoa a remo	6.519
Saveiros	2.575
Botes a remo	1.101
Botes motorizados	562
Barcos a vela	238
Jangada	201
Bote de Alumínio	201
Canoa a motor	31
Lancha industrial pequena	01
Total	11.429

Fonte: IBAMA, 2006. Encontrado em RIOS 2013, p.8-9.

A Lei nº 11.959, considera as embarcações, as redes e os vários petrechos e equipamentos que são utilizados na pesca artesanal como os instrumentos de trabalho dos pescadores (Lei nº 11.959/2009, Art. 10, parágrafo 3). A forma de captura dos recursos pesqueiros depende do petrecho e da embarcação utilizada, na Tabela 5 podemos observar algumas modalidades de pesca existentes.

As redes de emalhar ou de espera é uma arte de pesca passiva, onde a captura do pescado ocorre pela retenção destes na malha da rede, por emalhamento ou emaranhamento. Os tipos de rede de emalhar variam, porém existem três tipos principais: de fundo, de superfície e de meia água (Figura 4). A sua construção, basicamente, é formada por um pano de rede, de malha variada, e duas tralhas, a superior com bóias e a inferior com peso, que sustenta o pano e o deixa aberto (ICMBIO/CEPSUL, 1994).

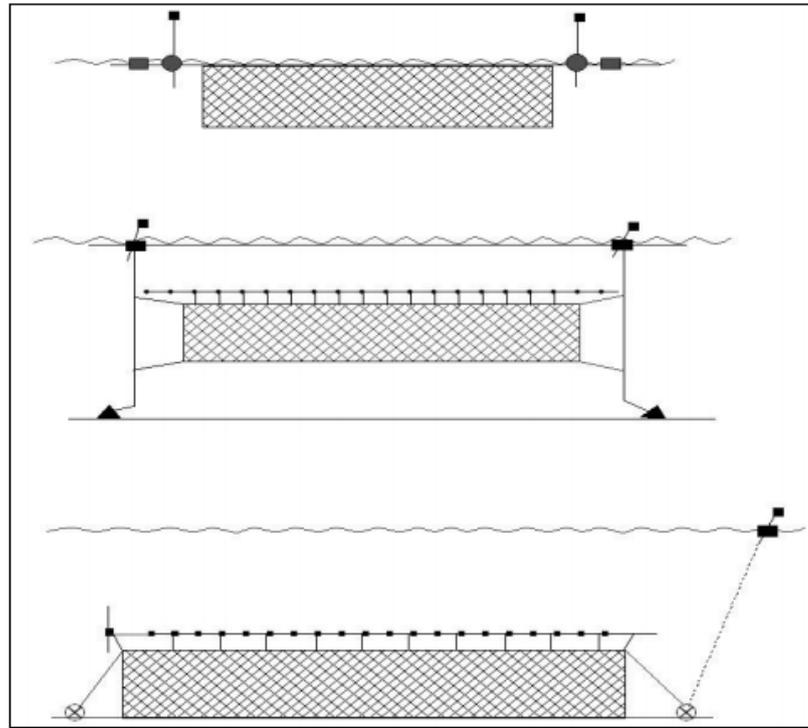
Tabela 5. Modalidades de pesca, definição e tipos.

Modalidade de Pesca	Definição	Tipos
Redes de Espera ou Emalhe	Emprego de rede de espera não tracionada, à deriva ou fundeada; operações de lançamento e recolhimento requerem embarcação de pesca.	• Emalhe
Arrasto	Emprego de rede de arrasto tracionada, com recolhimento manual ou mecânico; operação requer embarcação de pesca.	• Arrasto
Cerco	Emprego de rede de cerco, com recolhimento manual ou mecânico; operação requer embarcação de pesca.	• Cerco/Traineira
Armadilha	O que se realiza com o emprego de petrechos dos tipos covos ou potes; operações de lançamento e recolhimento requerem embarcação de pesca.	• Covos/Manzuá • Poles
Outros		• Puçá - Coleta manual com aparelho de mergulho • Diversificada Costeira.

Fonte: MPF 2017, p.19-21. Editado pelo autor

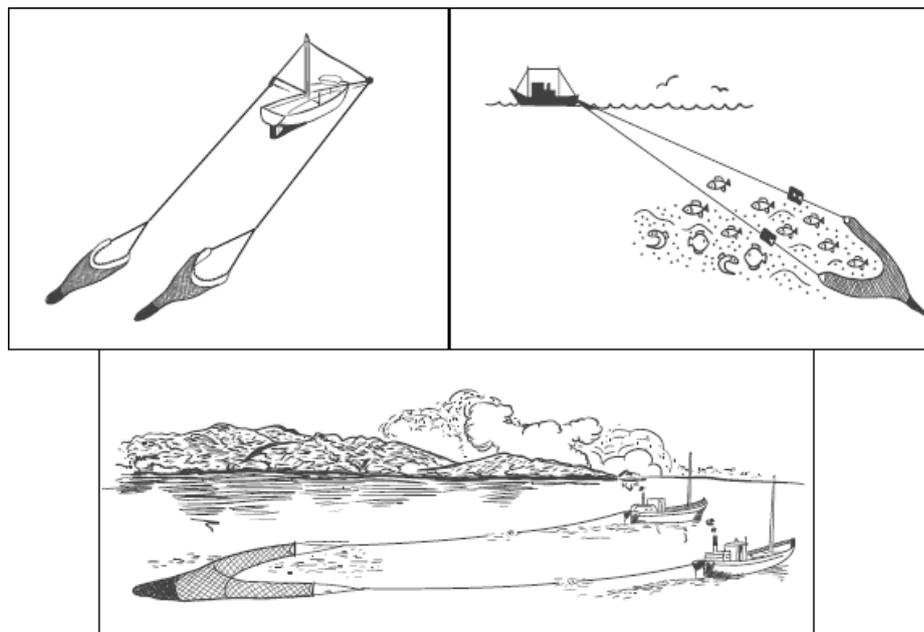
A rede de arrasto possui a forma de saco e é uma arte ativa, por ser rebocada por uma embarcação de pesca. Classificada em arrasto duplo, onde uma embarcação arrasta duas redes idênticas, em arrasto simples, que consiste no arrasto de apenas uma rede, ou em arrasto de parêlhar, onde se usa uma rede e duas embarcações (Figura 5). As principais espécies capturadas, a partir de 40m, são: o camarão, corvina, pescadas em geral, lulas, polvo, siri, entre outros (MPF, 2017).

Figura 4. Tipos de Rede de Emalhar, superfície (a), meia água (b) e fundo (c).



Fonte: CEPSUL/IBAMA. Encontrado na ICMBIO.

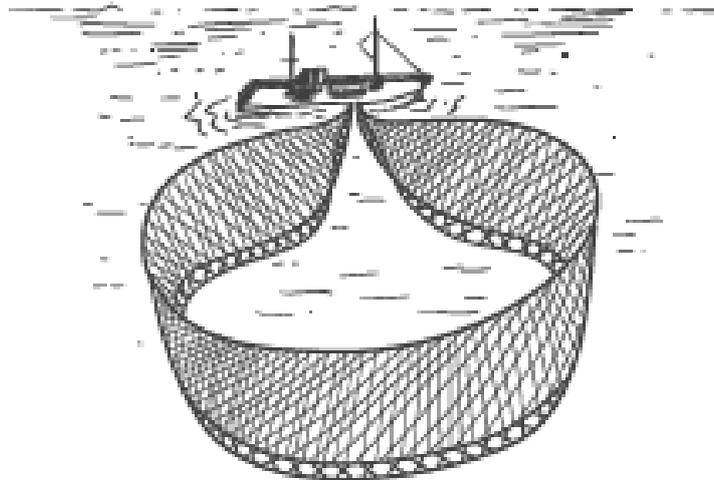
Figura 5. Tipos de Rede de Arrasto, duplo (a), simples (b) e de parêlhar (c).



Fonte: MPF, 2017 (b). CEPSUL/ICMBio (b). CEPSUL/IBAMA: Gamba, Manoel da Rocha. Itajaí-SC, 1994 (c). Encontrado em MPF, 2017, p.22-24.

A rede de cerco é uma grande rede usada para cercar os cardumes de peixe, com a ajuda de uma embarcação menor, capturando-os quando a mesma é fechada, formando uma “bolsa”, que retém os peixes (Figura 6). A captura é feita na superfície, no fundo e à meia-água, dependendo das suas dimensões (ICMBIO/CEPSUL, 1994).

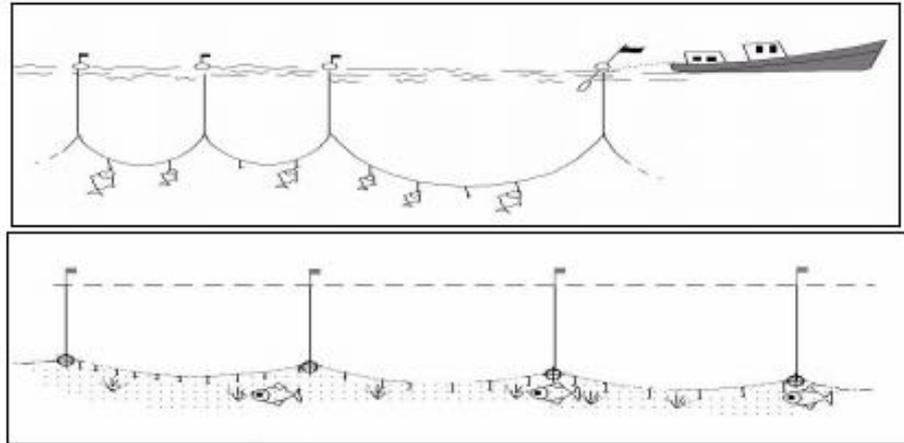
Figura 6. Rede de Cerco.



Fonte: Pesca Industrial praticada na Baía de Ilha Grande. Encontrado em MPF, 2017, p. 26.

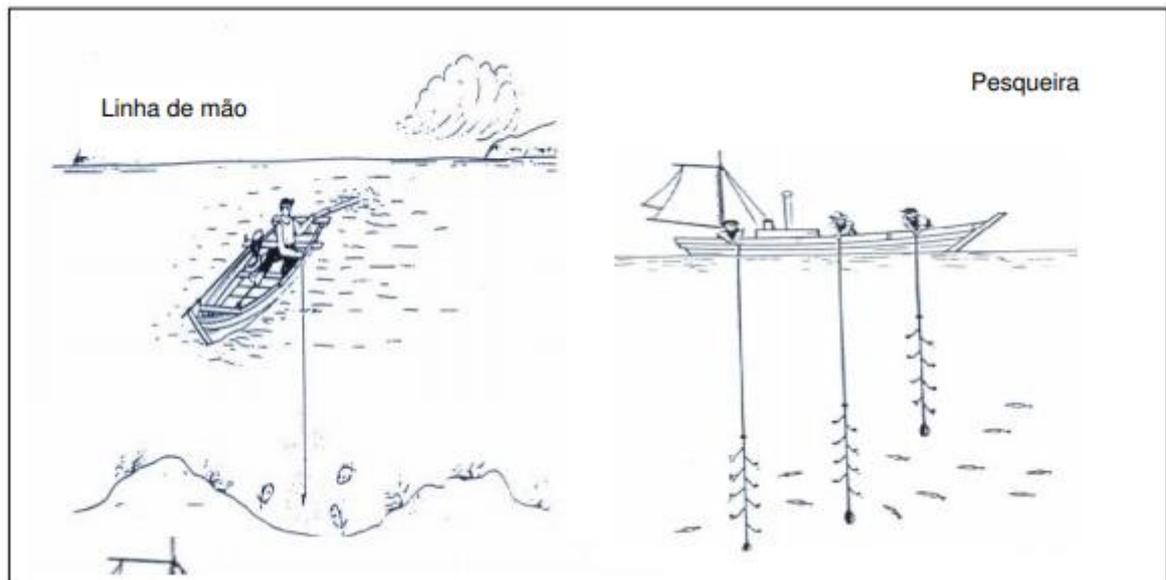
O espinhel também é uma arte de pesca passiva, que utiliza isca para atrair os peixes. Sua formação consiste em uma linha principal, linhas secundárias e os anzóis. Existem dois tipos desta arte, a de superfície, que fica a deriva e é sustentado por boias, e a de fundo, que utiliza penas âncoras para mantê-la no fundo (Figura 7). A linha de mão é usada para capturar os peixes em locais como parcéis, bordos de plataforma continental. Composta pela linha, pelo anzol e pelo chumbo, com a utilização de isca para atrair os peixes. Quando a linha de mão possui vários anzóis são chamadas de pesqueira (Figura 8) (ICMBIO/CEPSUL, 1994).

Figura 7. Tipos de Espinhel, (a) de fundo e (b) de superfície



Fonte: CEPSUL/IBAMA. Encontrado na ICMBIO.

Figura 8. Linha de mão (a) e Pesqueira (b)



Fonte: Yamaha. Fishing Equipment and methods. Encontrado na ICMBIO.

No Extremo Sul Baiano a presença de embarcações de maior porte vinda de outros estados gerou uma redução dos estoques locais de peixes e mariscos, colocando a principal atividade econômica local em risco, assim como, o modo de vida a e sobrevivência dos pescadores (AFONSO, 2013).

2. OBJETIVO

3.1. Objetivo Geral:

Caracterizar a pesca artesanal no município de Alcobaça-BA, em relação aos apetrechos e métodos de pescas, tipos de embarcações, espécies capturadas, local de pesca, assim como o perfil socioeconômico do pescador e sua opinião e conhecimento ecológico tradicional acerca da pesca da região.

3.2. Objetivos Específicos:

- Avaliar a condição social e econômica de cada pescador;
- Identificar os apetrechos utilizados na pesca;
- Apontar os tipos de embarcações mais utilizadas;
- Descrever os métodos de trabalho;
- Relatar a opinião e os conhecimentos dos pescadores em relação aos aspectos legais e ambientais, referentes à pesca.
- Circunscrever o conjunto de saberes e valores da relação entre a comunidade local e o meio ambiente, como meio de trabalho.

3. METODOLOGIA

3.1. Área de Estudo

O município de Alcobaça está localizado no extremo sul da Bahia e compõe a Costa das Baleias, junto com outras cidades circunvizinhas: Caravelas, Prado, Mucuri e Nova Viçosa (Figura 2). O município possui uma área total de 1.480,69 Km² e possuía 23.376 habitantes, população estimada de 2017, que vivem em 3.230 domicílios em área urbana e 2.774 domicílios em área rural (IBGE, 2017). A posição geográfica de Alcobaça tem as seguintes coordenadas: Latitude Sul 17° 31' 10" e Longitude Oeste 39° 11' 44", altitude de 9 metros acima do nível do mar.

Figura 9. Localização geográfica do município de Alcobaça, Bahia.



Fonte: Via Sul Bahia. Acessado em 2019.

Alcobaça se destaca no conjunto costeiro-marinho por abrigar um rico e diverso ecossistema, composto por fauna e flora associadas à Mata Atlântica, por rios, mangues, praias, estuários, recifes de coral e ilhas oceânicas, o que garante a manutenção da biodiversidade e demonstra a importância ambiental e

socioeconômica da região (MMA, 2010). Possui o sistema de recifes de corais mais extenso e rico do Oceano Atlântico Sul (LESSA; CIRANO, 2006), composto pelo Recife das Timbebas, o Arquipélago e o Parcel de abrolhos, que unto forma uma unidade de conservação, e o Parcel das Paredes.

Existem 901 pescadores, entre mulheres e homens, recebendo o seguro defeso em Alcobaça (BENEFICIARIOS, 2016), estes estão associados à Colônia de Pescadores Z-24, sem levar em consideração os não são associados à colônia e/ou não recebem o seguro, estes trabalham em embarcações de pequeno e médio porte, usam também canoas a remo, com equipamento sem muita tecnologia, sendo, sua maioria, feito manualmente pela população alcobacense, os pescados são repassados para peixarias existentes no município, atravessadores ou populares.

3.2. Coleta de Dados

A presente pesquisa foi desenvolvida, entre janeiro de 2018 a janeiro de 2019, com pescadores artesanais do município de Alcobaça, Bahia, em forma de entrevistas, num processo de troca de saberes, escuta e respeito. Os pescadores foram entrevistados com auxílio de questionários estruturados, adaptado do Grupo de Estudos em Ciências Pesqueiras Marinhas e Continentais (CPMAC), com o intuito de coletar dados gerais e informações sobre a pesca na região: Características da atividade pesqueira; Aspectos Legais; Aspectos Ambientais; e Etnoconhecimento do pescador local.

Uma declaração foi assinada pelo presidente de colônia, vigente do ano da pesquisa, Senhor Pedro Samarony, afirmando a consciência do estudo na comunidade. Os 32 pescadores que foram entrevistados estavam presentes na Colônia dos Pescadores, os mesmos assinaram um termo de consentimento, que garante o anonimato do entrevistado, assegurando assim sua privacidade, e dando-o a possibilidade de abandonar a entrevista quando achar necessário.

Além dos conhecimentos ecológicos tradicionais adquiridos através dos questionários individuais realizados com os donos, mestre de barco e também tripulantes, foram feitas a análise de dados secundários e adquiriram-se conhecimentos por meio da observação e convívio no desembarque e atividades dos Pescadores locais. O tempo médio de duração das entrevistas foi de 30 min, foram realizadas 32 entrevistas com pescadores do sexo masculino.

Todas as informações colhidas foram tabeladas no Microsoft Office Excel, onde foram aplicados cálculos percentuais, com o intuito de uma apresentação de dados comparativos e organizacionais. Com a análise de dados quantitativos e qualitativos obtidos com os questionários e as informações secundárias pôde-se analisar a relação do pescador com seu meio ambiente, bem como os instrumentos socioambientais, informal e formal, que podem estar associados às formas de conservação da pesca sustentável.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

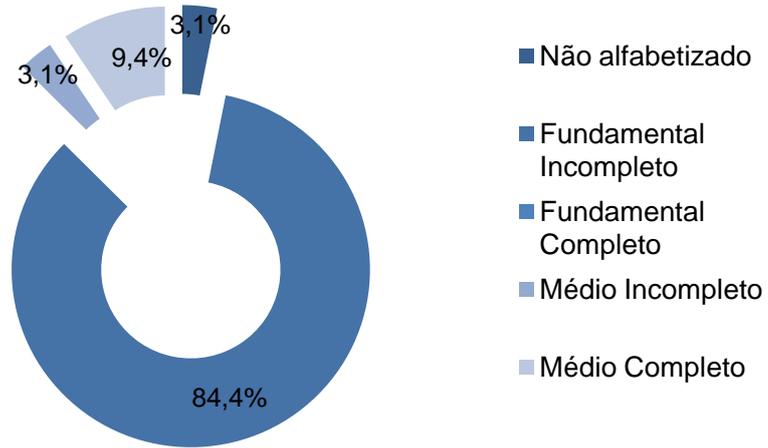
As informações obtidas através dos questionários aplicados permitiram criar um perfil do grupo pesquisado, assim como conhecer as suas condições de trabalho. Os pescadores entrevistados se encontravam, em sua maioria, entre 34 e 49 anos, com 56,25%, seguida pela faixa de 50 a 65 anos, com 37,5%. Mostra que a população de pescadores locais não contém muitos jovens. Diferente de Alcobaça as comunidades de Canavieiras - BA possuem quase 42% dos pescadores na faixa etária entre 28 a 42 anos e apenas 10% acima de 56 anos (CAVALCANTE *et al.*, 2013). Na Bahia, os pescadores cadastrados no RGP (2010) estão na faixa etária entre 30 a 39 anos, com 29,07%, seguida da faixa entre 40 a 49 anos, com 26,64% (MPA, 2012).

A escolaridade dos pescadores é baixa, 84,4% possui o ensino fundamental incompleto, entre estes, apenas um pescador era não alfabetizado (3,1%), porém este número não representa a fração real de analfabetismo entre os pescadores. Uma parcela de 9,4% possui ensino médio completo, porém o estudo não os obstou da atividade pesqueira (Figura 10). Cavalcante *et al.* (2013), constatou um número alto de analfabetismo, cerca de 15% do total de entrevistados, sendo que em algumas comunidades de Canavieiras este número chega a quase 1/3 dos moradores, no total aproximadamente 80% possuem apenas o ensino fundamental e 5% o ensino médio. O acesso a educação é mais difícil nos bairros mais distantes da sede pela dificuldade de acesso as escolas por falta de transporte, em Alcobaça não têm essa dificuldade, pelos pescadores se encontrarem em sua maioria na sede, porém, ainda sim muitos desistem dos estudos para trabalhar e ajudar a sustentar a família desde cedo.

Quanto ao estado civil, os números de pescadores casados e solteiros foram iguais com 46,9% cada, e o restante deles (6,2%) eram divorciados. De acordo com o levantamento, 87,5% deles têm filhos, onde pouco mais que a metade possui de 01 a 02 filhos (53,6%), entretanto 3,6% têm de 05 a 08 filhos (Figura 11). Já em Canavieiras encontra-se um número maior de casados (75%), mesmo sendo formada por uma população mais jovem, apenas 25% são solteiros, onde 54% do

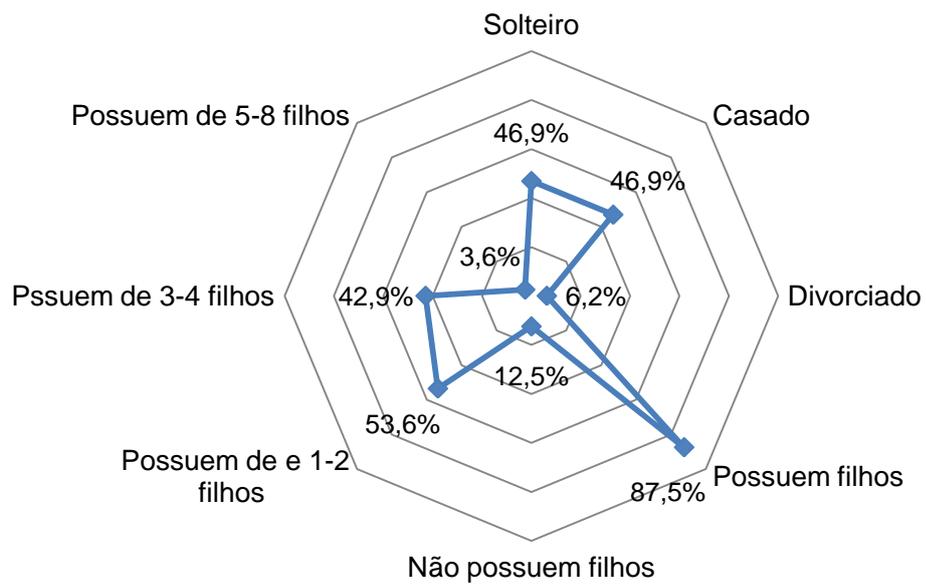
total possuem até dois filhos e apenas 6% tem até 08 filhos (CAVALCANTE *et al.*, 2013).

Figura 10. Escolaridade dos pescadores de Alcobaça em 2018



Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 11. Estado Civil, Filiação e Quantidade de filhos dos pescadores de Alcobaça em 2018



Fonte: Elaborado pelo autor.

A maioria dos pescadores de Alcobaça não pretende manter os filhos na atividade pesqueira (84,4%), apesar da tradição de transmissão de conhecimento de geração em geração, eles desejam uma vida melhor para seus filhos, que para eles está relacionada a uma melhor educação, porém 15,6% manifestaram o desejo manter os filhos na pesca. Ao serem questionados se pretendiam manter os filhos na pesca e o porquê, deparou-se com algumas respostas como estas:

- a) “Não. Porque pescador não tem futuro, não tem assistência para um futuro melhor” (Depoimento de um pescador de 45 anos e com 04 filhos);
- b) “Não, é uma atividade muito sofrida, porque sabemos que vamos, mas que vai voltar para casa só Deus que sabe” (Depoimento de um pescador de 29 anos e que não possui filho);
- c) “Não, procurar o melhor pro filho, estudar, se formar” (Depoimento de um pescador de 40 anos e com 01 filho).

Deparou-se também com resposta, como:

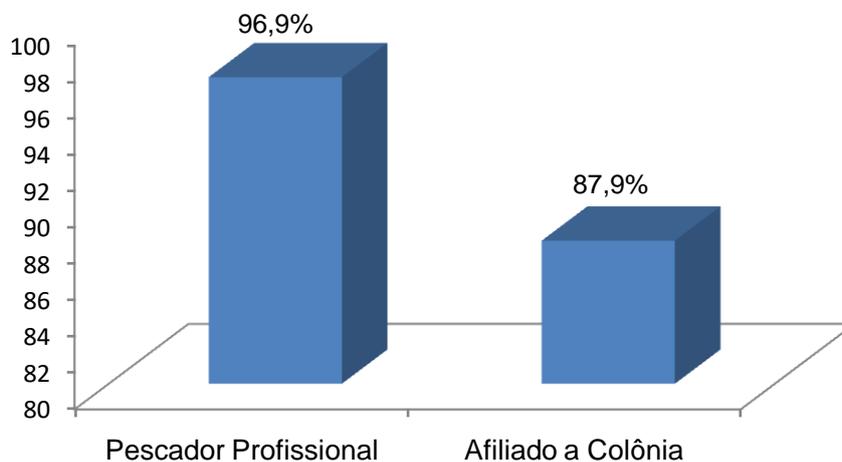
- a) “Sim, é a melhor saída” (Depoimento de um pescador com 58 anos e com 04 filhos);
- b) “Sim, para não se envolver com drogas” (Depoimento de um pescador com 52 anos e com 04 filhos).

Apenas os pescadores filiados a Colônia de Pescadores Z-24 de Alcobaça possuem a carteira de pescador profissional, onde eles totalizam 87,9% dos pescadores, porem um número maior, 96,9%, se consideram pescadores profissionais (Figura 12). Nesse sentido, mesmo não sendo licenciado pelo órgão público competente (Lei 11.959/2009, Art. 2º, Inciso XXII), cerca de 9% deles se denomina profissional da pesca. De acordo com Cavalcante *et al.* (2013), mais de 70% dos pescadores de Canavieira pertencem a Colônia de Pescadores Z-20, que possui cerca de mil associados.

Pouco mais da metade dos pescadores (53,1%) iniciaram na atividade pesqueira entre 12 e 17 anos, e 28,1% começaram ainda mais novos entre 06 e 11 anos. Quando questionados o tempo de pescaria em Alcobaça, metade dos

pescadores (50%) possui de 22 a 36 anos trabalhando na cidade, sendo que 18,8% deles informaram ter vindo de outra localidade (Figura 13), em sua maioria oriunda do Ceará. Cavalcante *et al.* (2013), também citaram a presença de cearenses, no município de Canavieiras com a intenção de realizar a atividade pesqueira, porém este fato é citado pelos pescadores como um causa dos danos ambientais para a pesca.

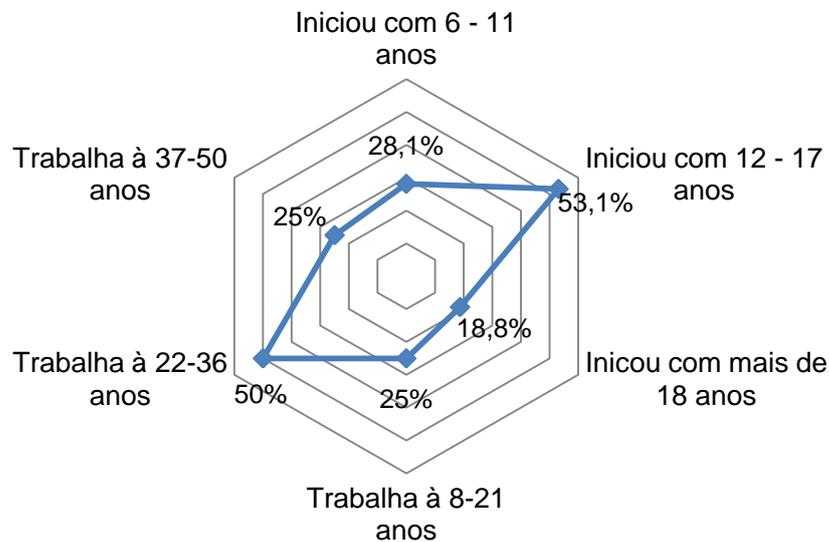
Figura 12. Pescadores que se consideram pescador profissional e os que são filiados a Colônia de Pescadores de Alcobaça no ano de 2018



Fonte: Elaborado pelo autor.

Todos os pescadores de Alcobaça, quando questionados, informaram conseguir sustentar a se mesmo e a sua família apenas com a pesca. Apesar disso, 34,4% deles, possuem uma atividade complementar de renda, entre estas: conserto de rede, funcionário de peixaria, carpinteiro, trabalhador rural, caseiro, comerciante, pedreiro, artesão, pintor e músico. Na maioria das comunidades de Canavieira 80% dos pescadores têm a pesca como sua única fonte de renda, porém algumas comunidades se constataram que aproximadamente 60% dos pescadores possuem outra fonte de renda, como atividade agrícola, “bicos” e vendas (CAVALCANTE *et al.*, 2013).

Figura 13. Idade de início na atividade pesqueira e o tempo que atua em Alcobaça



Fonte: Elaborado pelo autor.

Em relação às embarcações de pesca, 46,9% dos pescadores possuem suas próprias embarcações, onde 75% delas são barcos pesqueiros, que tinham comprimento de 06m a 14m, as canoas e bateiras, de 5,5 a 07m, representam 9,4% cada e as traineiras, de até 24m, com 6,2%. Segundo o IBAMA (2009) a frota baiana é constituída principalmente por 60,9% de canoas, 21,3% de saveiros, demonstrando a modernização das embarcações de Alcobaça, que apresenta um número bem inferior de canoas.

Mais da metade dos pescadores (56,2%) utilizavam GPS para realizar a marcação de pesca e 43,8% deles ainda usam marcações naturais para se localizarem, a existência de um farol permite a pesca noturna sem GPS. Segundo Rodrigues *et al.* (2011), a Bahia Pesca vem programando atividades de projetos que visa estruturar a cadeia produtiva da pesca através da modernização de equipamentos e infraestrutura, como no desenvolvimento do mercado e da gestão da pesca, tendo como um de seus programas a implantação de GPS's para o auxílio a navegação.

As embarcações de Alcobaça, como se pode notar na Tabela 9, atuam em 41,9% com até 02 tripulantes, as que operam com 03 a 04 tripulantes representam 32,3% das embarcações, as com a tripulação igual ou maior que 05, possuem ainda uma parcela representativa de 25,8%, sendo que desta, 25% trabalha com mais de 10 tripulantes, todas referentes às traineiras. Segundo Rodrigues *et al.* (2011), 56% das embarcações da Bahia operam com 01 a 02 tripulantes, onde somente os saveiros embarcam mais de 8 tripulantes (RODRIGUES *et al.*, 2011).

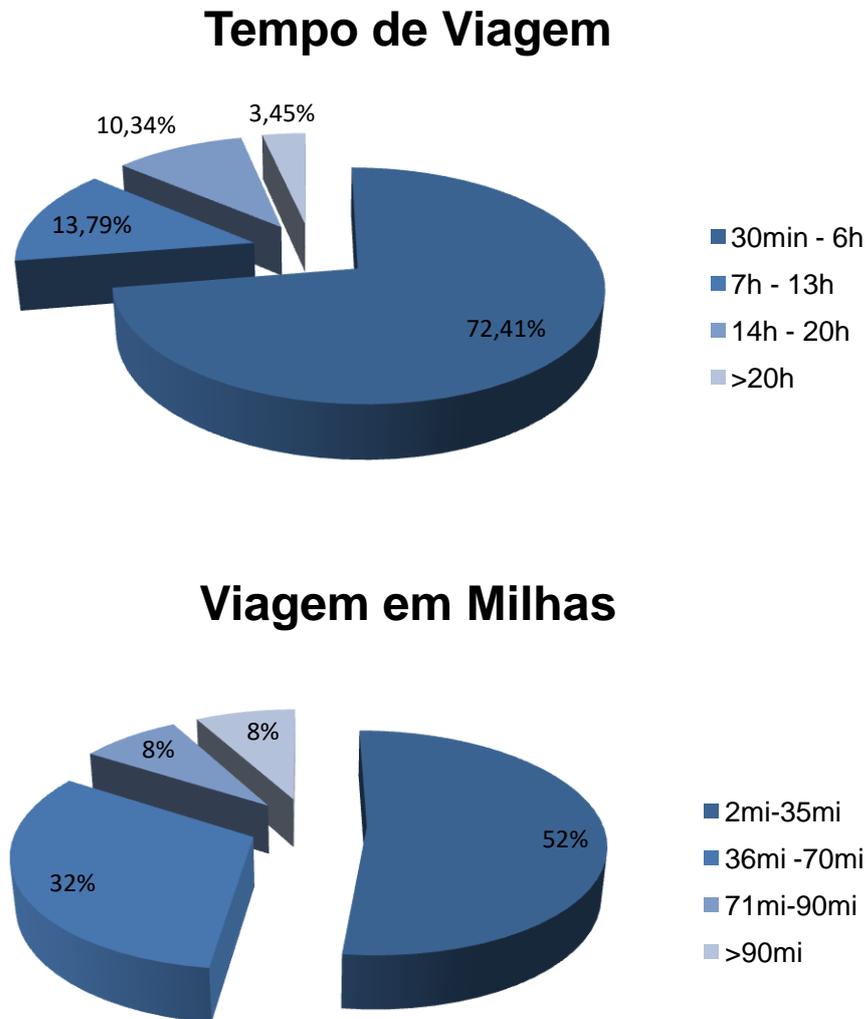
O armazenamento dos pescados, em Alcobaça, durante o tempo de pescaria é feito, normalmente, na urna da embarcação (45,4%) e com o isopor com gelo (36,4%), entretanto 12,12% trabalham com peixe fresco e 3,03% com peixes salgados, apenas um barco (3,03%) tinha como forma de armazenamento a câmara fria na embarcação. Nos municípios de São Vicente e Itanhaém da Costa Sul de São Paulo, o número de pescadores que utilizam gelo nas embarcações para conservação do pescado é de 31% e 15% sucessivamente (MACHADO *et al.*, 2010). A possibilidade de manter os pescados frescos e de boa qualidade com esses principais meios de armazenamento se deve ao fato dos pescadores não exercerem sua atividade muito longe da costa.

A maioria dos pescadores do presente trabalho (72,4%) levam de 00h30minh a 06h00minh para chegarem ao local de pesca, onde 52% navegam entre 02 e 35 milhas (Figura 14). Ao retornar a costa, 65,7% dos pescadores, vendem seus pescados para os frigoríficos locais, 17,1% para populares, 11,4% para atravessadores e 5,2% para uma empresa privada. Em Vera Cruz – BA a comercialização é realizada de forma direta e informal pelos pescadores, onde os atravessadores não possuem influência sobre eles (RODRIGUES *et al.*, 2011).

As artes de pesca comumente utilizada foram: a rede de espera (23,8%), que tem como principais pescados capturados a Corvina, o Cação, a Sarda, a Pescadinha, o Bagre, a Vacora e a Guaricema; a linha de mão (21,4%), que captura principalmente a Cioba, o Badejo, a Garoupa, a Sarda e o Peroá; rede de arrasto (19,05%) captura o Camarão sete barba, o Camarão VG e o Camarão rosa; espinhel (16,7%), captura a Garoupa, o Badejo, a Sarda, o Budião, a Cioba e o Dentão. A rede de cerco, a rede de lancear (tarrafa), a gruzeira (pesqueira), o mergulho, com 2,38% cada, e a rede de caída (9,5%) pouco representaram. Nos municípios de

Itanhaém e São Vicente, a rede espera foi à arte de pesca mais utilizadas, com 78% e 72% consecutivamente (MACHADO *et al.*, 2010).

Figura 14. Tempo gasto para chegar ao Local de Pesca e sua Distância em Milhas



Fonte: Elaborado pelo autor.

Apesar de pouco representativo, o mergulho por ter como pescado foco, principal, a Lagosta (R\$ 50,00 a R\$ 65,00 por kg) é o tipo de pesca com maior retorno econômico, seguido da rede de arrasto, que tem como foco as espécies econômicas do camarão, principalmente o camarão VG (R\$ 40,00 a R\$ 45,00 por kg). Segundo Rodrigues *et al.* (2011), em Vera Cruz o pescado com maior retorno

econômico custa de R\$ 8,00 (oito reais) à R\$ 15,00 (quinze reais) o quilo(kg) (RODRIGUES *et al.*, 2011). Podendo avaliar o poder econômico que a pesca artesanal exerce no município de Alcobaça. Poucas são as espécies descartadas, porém, algumas das espécies que não são diretamente comercializadas, são usadas para o consumo próprio ou são beneficiadas, como é o caso do siri, e posteriormente vendidas.

As malhas da rede que deveria ser utilizada na cidade de Alcobaça, na opinião na maioria dos pescadores são a 40x40mm e a 35x35mm. Alguns definiram o tamanho da malha conforme o tipo de pesca, as que atuam mais próximo à costa devem ser menor, 35x35mm, já as mais profundas, uma malha maior que 40x40mm, o pescado foco também diferenciou a opinião sobre seu tamanho, os pescadores acreditam que a pesca com rede de arrasto, direcionada ao camarão, deve ser usada com malha de 25x25mm, já as demais redes acima de 35x35mm. Ainda teve aqueles que se excederam e falaram sobre 60x60mm, e ainda 70x70mm. Segundo a MPF (2017) no Sul e no Sudeste do país, as redes de espera devem ser de no mínimo 70 mm entre nos opostos e as redes de arrasto com 30 mm (MPF, 2017).

Os pescadores artesanais possuem o conhecimento empírico referentes aos fenômenos físicos da fase da lua, das marés e do ambiente que o cerca (SILVA, 2015). Assim, 34,4% dos pescadores de Alcobaça consideram que a maré grande é a melhor para se trabalhar, seguida pela maré morta (25%), porém 18,8% deles acreditam que a maré não influencia na atividade pesqueira, contudo ela controla o horário em que a embarcação pode passar pela foz do rio. Já sobre a fase da lua, 34,4% deles revelaram que a lua cheia é a que mais influência positivamente na pesca, logo depois, a lua minguante, com 25%, apenas 6,2% disseram que a fase da lua não interfere (Tabela 10). A lua tem efeito na pesca, por cerca de 70% dos pescadores trabalharem a noite, onde a claridade incidida por ela afeta diretamente na captura dos pescados.

A época do ano que mais captura pescado na opinião deles foi o inverno, com 48,86%, seguida do verão, com 48,57%. Os pescados mais bravos de se pescarem, informado por eles, foram: tubarão; badejo; arraia; barracuda; cavala; cioba. Já os mais mansos foram: pescadinha; peroá; mero; corvina; garoupa; sarda; vermelho; dourado; atum; tainha; pescada. A maioria deles apontou coisas que espantam os

peixes durante a pescaria: golfinho; baleia; predadores; barulho; mergulhadores; derramamento de óleo. Assim como o que atraia: engodo; isca; sangue; luminosidade; cardumes de sardinha.

Tabela 6. Influência da Maré e das fases da Lua na Atividade Pesqueira

Maré	%	Lua	%
Grande	34,4	Cheia	34,4
Morta	25	Minguante	25
Escura	3,1	Nova	15,6
Cheia	9,4	Crescente	15,6
Enchente	3,1	4 ^o Crescente	3,1
Lançamento	6,2	Não influencia	6,2
Não influência	18,8		

Fonte: Elaborado pelo autor.

Sobre os aspectos legais, 87,5% dos pescadores tem conhecimento sobre algumas das leis de pesca, todos eles disseram conhecer o período defeso. Citaram as leis que regem as unidades de conservação locais, do tamanho mínimo de captura de algumas espécies alvos, a exigência dos equipamentos de salvatagem nas embarcações e da necessidade da emissão da carteirinha de pescador, que asseguram seus direitos. Muitos deles (75%) receberam orientações de alguma entidade, como: ICMBio; IBAMA; Marinha; e da Colônia de Pescadores.

Mesmo com toda a informação disponível, 12,5% não seguem as leis de pesca nem o período defeso e 65,6% conhecem quem não as respeita, porém este número pode ser maior, pois percebi o medo dos pescadores ao responderem esta pergunta. Apesar de muitos alegarem que a região necessita de mais fiscalizações dos órgãos competentes, 84,4% conhecem quem já teve o pescado ou a embarcação apreendida e 72% deles já presenciaram uma fiscalização no local de pesca.

O seguro defeso é ou já foi recebido, por 81,2% dos pescadores, sendo que dos desprovidos deste benefício (18,8%), apenas 35,4% são filiados a colônia, ou

seja, o restante não está adepto para recebê-lo. Demonstrando que os 901 pescadores, entre eles mulheres e homens, que estão registrados no IBGE (2013) e recebendo o seguro defeso não caracteriza o número real de pescadores em Alcobaça. Em Canavieira 75% dos pescadores recebe algum benefício social do governo, sendo o mais comum o seguro defeso, com 26,8% (CAVALCANTE *et al.*, 2013). No período que a pesca está “fechada”, 71,8% dos pescadores de Alcobaça usam outras artes de pesca ou realiza outra atividade, para complementar a sua renda. Principalmente no defeso do camarão, as redes de arrasto são substituídas por rede de boieira, rede de espera, rede fina, arraieira, linha de mão ou espinhel.

Quando questionados se alguma outra espécie que não possuem um período defeso deveria ser protegida, a opinião foi dividida. Os 50% que responderam que sim, opinaram que espécies como o badejo, budião, bagre, cioba, garoupa, pescadinha, todas as variedades do vermelho e o caranguejo, devem ser protegidos, teve quem disse que todas as espécies deveriam ter este período e quem acredita que o defeso do camarão deveria ser por um tempo maior ou que sua pesca fosse proibida por alguns anos.

A falta de respeito pelo período defeso, entre os pescadores de Alcobaça, é um dos problemas que eles dizem enfrentar em seu ofício. As comunidades de Canavieira também apontam a forma errônea da exploração pesqueira realizada por alguns pescadores e aponta seu risco a sustentabilidade local, apontando a conscientização da classe em relação aos aspectos ambientais (CAVALCANTE *et al.*, 2013).

Os problemas mais apresentados pelos pescadores de Alcobaça foram: A falta de união entre a classe, que reflete em desorganização; A baixa valorização do governo, dos donos das embarcações e dentro da própria comunidade; O alto preço do combustível, entre outras despesas; O baixo preço do pescado, por conta de um monopólio dos frigoríficos, onde os preços são tabelados; A falta de assistência à saúde, como clínico e dentista, assim como a falta de segurança no mar.

A conscientização dos pescadores foi a principal sugestão dada por eles para melhorar a pesca local. O desejo da união da classe em forma de uma cooperativa também foi muito citado. A valorização e o apoio do governo, vinda como subsídio

para o combustível, baixar o preço do combustível e do gelo, plano de saúde e o reconhecimento que a pesca artesanal é a chave da sustentabilidade pesqueira. Cavalcante *et al.* (2013), ao questionar o que poderia melhorar a vida da classe, também se deparou com o desejo da criação de cooperativas para facilitar o acesso a equipamentos de pesca mais modernos, assim como a comercialização dos pescados.

A poluição é algo que, também, está prejudicando a pesca local em Alcobaça, 93,8% dos pescadores acham que o rio e o estuário estão poluídos, 75% já notaram mudanças na captura do pescado com o tempo. O descarte do óleo no rio é o que mais incomoda a classe, a poluição ainda é apontada em forma de lixo e esgoto. Esse fato também foi verificado em Canavieiras, onde a poluição foi citada como o principal fator que causa dano na área pesqueira (28,5%), destacando o lançamento de esgoto nos rios e os dejetos de fazendas de camarão e de gado, porém 42,2% deles não notaram dano ambiental da região, mas detectaram uma diminuição do rendimento pesqueiro (CAVALCANTE *et al.*, 2013).

Todos os pescadores acham necessária a realização de um projeto para a recuperação do estuário de do rio da região, onde estes já dizem preservar o meio ambiente, levando suas lixeiras no barco e trazendo o lixo para a costa, o óleo queimado da embarcação é colocado em um recipiente e não despejados no rio, alguns até dizem ser um fiscalizador e tentar conscientizar seus colegas de profissão.

A dragagem existente em Caravelas é citada como motivos da mudança na pesca local, assim como as barcaças de eucalipto e as grandes embarcações. A forte atuação da empresa de eucaliptos vem prejudicando o desenvolvimento da pesca local, por modificar o ecossistema, com as dragagens da barragem e por poluir o ambiente com o óleo das barcaças. Pequenos empreendedores, como armadores de pesca, atuam com embarcações de maior porte e poder de exploração, e vêm afetando a dinâmica da população local, dificultando o recrutamento das populações, por pescar mais que os indivíduos do estoque conseguem repor, o acontece também em relação às embarcações vindas de outras regiões.

Silva (2014) cita os principais fatores responsáveis pela crise pesqueira atual, entre elas: o crescimento desordenado da atividade pesqueira; a falta de planejamento do setor; o uso de métodos inadequados de captura; a poluição costeira; a falta de conscientização dos limites para uma exploração sustentável; as políticas públicas voltadas à pesca industrial; o aumento do tráfego de barcaças e grandes embarcações (SILVA, 2014). Foi notório que os pescadores estão cientes dos motivos que os prejudicam, faltando para eles algo ou alguém que os instrua e conduza, para a realização de uma atividade sustentável.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O levantamento de dados sobre a atividade pesqueira artesanal realizada em Alcobaça proporcionou aumentar os conhecimentos sobre a dinâmica de pesca dessa população, as estratégias usadas, as características das embarcações e sua predominância, as artes de pesca mais empregada e a comercialização dos pescados, mostrando-se muito relevante por se tratar de uma área pouco conhecida, porém de muita importância para a Bahia, por causa do Parque Nacional Marinho de Abrolhos e da Área de Preservação Ambiental Estadual Ponta da Baleia/Abrolhos, revelando uma localização estratégica, de inclinação para atividade pesqueira, e que ainda conta com o turismo natural local.

Algumas práticas realizadas na comunidade devem ser revistas, a exemplo da pesca ilegal durante o período do defeso, que resulta negativamente na população do pescado alvo, em principal o camarão e a lagosta, sendo necessário o desenvolvimento de um plano de manejo dos recursos naturais da região, garantindo a sustentabilidade local. A poluição do rio e estuário local, que abriga o “berçário” da vida marinha, é outro fator importante.

Estes dentre outros problemas existentes dentro da comunidade, faz-se notar a necessidade de informar e conscientizar os pescadores, aplicando medidas educativas para com os pescadores, proporcionando palestras e cursos periódicos, trabalhando diretamente com o gestor local em prol do pescador. Assim como a realização de um projeto de recuperação do estuário local, que deve vir em conjunto com a disponibilidade de informações e com um trabalho de conscientização.

Apesar da sua importância, a atividade pesqueira é colocada em segundo planos pelos órgãos competentes, em vários aspectos, principalmente pela falta de políticas públicas voltadas ao setor. A falta de apoio, de reconhecimento e de assistência, seja ela na área de saúde, segurança ou logística. Com base nos dados apresentados, destaco o quanto é importante a visibilidade do setor pesqueiro local, reconhecendo a importância socioeconômica e ecológica da pesca artesanal, que é a chave da sustentabilidade pesqueira.

6. REFERÊNCIAS

- ARAUJO, I. X.; LIMA, E. R. V.; SASSI, R. **Economia da pesca artesanal: o caso do bairro da penha em João Pessoa/PB**. Revista Formação, 2015, vol., 1, nº 22, p. 193-220;
- BENEFICIARIOS. **Seguro Defeso (Auxílio Desemprego de Pescador Artesanal) em Alcobaça / BA**. Disponível em: <http://alcobaca.ba.beneficiarios.org/>. Acessado em 2019; Informações obtidas no Portal da Transparencia em 20 de julho de 2016;
- CALDASSO, L. P. **Gestão compartilhada para a pesca artesanal: o caso do fórum da Lagoa dos Patos/RS**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade). UFRRJ. 143 p. 2008.
- CASTRO, P.M.G.; ALVES DA SILVA; M.E.P.; MARUYAMA , L.S. : PAIVA, P. 2008 **Mapeamento da pesca artesanal no reservatório Billings (Alto Tietê, SP)**. Revista Brasileira de Engenharia de Pesca, São Luís, MA. 3(esp): 23-29.
- CAVALCANTE, A. L.; PIRES, M.M.; STRENZEL, G. M. R.; FERRAZ, M. I. F. **A arte de pesca: análise socioeconômica da Reserva Extrativista de Canavieiras, Bahia**. Informe Gepec, Toledo, v. 17, nº2, p. 81-99, jul./dez. 2013;
- CUSSIOLI, M. C. **Dinâmica da desembocadura do rio Itanhém, Alcobaça, BA**. Dissertação – Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo, 2010;
- DIEGUES, Antônio Carlos. **A pesca construindo sociedades**. São Paulo: Nupaub-USP, 2004;
- DHN. 1999. **Tábuas das marés**. Marinha do Brasil – Diretoria de Hidrografia e Navegação. p.185;
- FAO. 1975. **Expert consultation on small-scale fisheries development**. FAO Fisheries Report, Rome. p.169;
- FAO. 2003. Garcia, S.M.; Zerbi, A.; Aliaume, C.; Do Chi, T.; Lasserre, G. **The ecosystem approach to fisheries**. Issues, terminology, principles, institutional foundations, implementation and outlook. FAO Fisheries Technical Paper. No. 443. Rome;
- FAO. 2018. **El estado mundial de La pesca y La acuicultura 2018**. Cumplir los objetivos de desarrollo sostenible. Roma. Licencia: CC BY-NC-AS 3.0 IGO.
- FRIZZO, P. V.; ANDRADE, M. L. **Caracterização dos pescadores artesanais do município de São Lorenzo do Sul/RS**. 2005. 20f. Dissertação (Mestrado em desenvolvimento rural) – Programa de Pós Graduação em Deenvolvimento Rural – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PGDR/UFGRS), Rio Grande do Sul, 2005;

HOLMS, P. **Crossing the border: on the relationship between science and fishermen's knowledge in a resource management context.** *Maritime Studies*, v.2, n. 1, 2003);

IBAMA. Instituto Brasileiro do meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. **O Estado dos Recursos Pesqueiros: Pesca Extrativa e Aqüicultura.** In: GEO BRASIL 2002. o estado do meio ambiente no Brasil Brasília: Edições IBAMA, 2002. p.132 -147;

IBAMA/MMA. Instituto Brasileiro do meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis / Ministério do Meio Ambiente. **Estatística de desembarque pesqueiro. Censo Estrutural da pesca 2006.** Relatório Final. IBAMA/MMA. Brasília, DF, 2008;

IBAMA. **Estatística da Pesca 2000-2006 – Brasil. Grandes Regiões e Unidades da Federação.** Disponível em: www.ibama.gov.br. Acessado em: 2019.

IBAMA/MMA. Instituto Brasileiro do meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis / Ministério do Meio Ambiente. **Análise do Seguro-Desemprego do Pescador Artesanal e de possíveis benefícios para a gestão pesqueira/** José Dias Neto. Brasília: Ibama, 2017. 120 p. ; Il. Color. CDU(2.ed.)639.2;

IBGE. **Censo Demográfico 2010 - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística |** v4.3.16.1. Publicação online: www.cidades.ibge.gov.br ; Atualizado em 2013;

IBGE. **Estimativas da população residente nos municípios brasileiros com data de referência em 1º de julho de 2017.** Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística | v4.3.16.1 Publicação online: www.cidades.ibge.gov.br;

ICMBIO/CEPSUL. **ARTES DE PESCA.** Disponível em: <http://www.icmbio.gov.br/cepsul/artes-de-pesca.html>. Acessado em 2019; (Fonte: Gamba, Manoel da Rocha. Itajaí-SC, 1994);

JABLONSKY, S. **A Pesca no Estado do Rio de Janeiro em 1995.** Rio de Janeiro, UERJ, 1996;

LEÃO, Z.M.A.N. & DOMINGUEZ, J.M.L. 2000. **Tropical Coast of Brazil.** *Marine Pollution Bulletin*, 41: 112-122;

Lei nº 11.959, de 29 de junho de 2009. **Dispõe sobre a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável da Aquicultura e da Pesca;**

LEITE, A. P. A. **Levantamento ambiental e pesqueiro dos rios Jaboatão e Pirapama no estado de Pernambuco, Brasil /** Ana Paula de Almeida Leite. – 2009;

LESSA, G. C.; CIRANO M. **On the Circulation of a Coastal Channel Within the Abrolhos Coral-Reef System - Southern Bahia (17°40' S), Brazil.** *Journal of Coastal Research*; SI 39, pág. 450 – 453, 2006;

LOPES, F. C. **O conflito entre a exploração offshore de petróleo e a atividade pesqueira artesanal.** 2004. 57f. Dissertação (Mestrado em Economia) -

Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Instituto de Economia, Rio de Janeiro, 2004.;

MACHADO, T. M.; FURLAN, NEIVA, C. R. P.; CASARINI, L. M.; *et al.* **Fatores que afetam a qualidade do pescado na pesca artesanal de municípios da costa sul de São Paulo, Brasil.** Artigo Científico. Bol. Inst. Pesca, São Paulo, 36(3): 213 – 223, 2010;

MARQUES, J. G. 2001. **Pescando pescadores:** ciência e etnociência em uma perspectiva ecológica. 2. ed. NUPAUB, USP, São Paulo, Brasil, 258pp.

MMA. 1986. **Resolução CONAMA nº 004, de 18 de setembro de 1985.** Ministério do Meio Ambiente – Conselho Nacional do Meio Ambiente. Publicação Online. www.mma.gov.br;

MMA. 1996. Macrodiagnóstico da zona costeira do Brasil na escala da União. Ministério do Meio Ambiente. Secretaria de Qualidade Ambiental nos Assentamentos Humanos. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão – Secretaria do Patrimônio da União. Brasília, 78 p.

MMA. MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Panorama da conservação dos ecossistemas costeiros e marinhos no Brasil.** Brasília: MMA, 2010, 152 p. Disponível em: www.mma.gov.br. Acesso em 2019.

MPA, Ministério da Pesca e Aquicultura. **Boletim Estatístico da Pesca e Aquicultura - 2010.** MPA, 2012;

MPA. 2012. **Boletim estatístico da pesca e aquicultura.** Ministério da Pesca e Aquicultura. Brasil. Brasília, DF;

MPF. **Pesca Artesanal Legal. Pescador Da Região Sul/Sudeste: Conheça Seus Direitos E Deveres.** Ministério Público Federal; 6ª Câmara de Coordenação e Revisão. Brasília | DF | MPF 2017;

NETO, J.D. **Análise do Seguro-Desemprego do Pescador Artesanal e de possíveis benefícios para a gestão pesqueira.** Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. CDU(2.ed.)639.2. 2017;

RAMIRES, M; MOLINA, S. M. G.; HANAZAKI, N. **Etnoecologia caiçara:** o conhecimento dos pescadores artesanais sobre aspectos ecológicos da pesca. Biotemas, 20 (1): 101-113, março de 2007;

RÊGO, R. F. et al. **Vigilância em saúde do trabalho da pesca artesanal na Baía de Todos os Santos:** da invisibilidade à proposição de políticas públicas para o Sistema Único de Saúde (SUS). Ver. Brás. Saúde ocup., São Paulo, v. 43, supl. 1, e10s, 2018;

RIOS, K.A.N.; GERMANI, G.I. **ESPACIALIZAÇÃO DA ATIVIDADE PESQUEIRA NO ESTADO DA BAHIA: UM OLHAR SOBRE A ORGANIZAÇÃO DOS PESCADORES(AS) ARTESANAIS.** IIº SEMINÁRIO NACIONAL ESPAÇOS

COSTEIROS – Eixo Temático 5 – Conflitos fundiários em áreas costeiras: diversidade de agentes e territórios. UFBA, 2013;

RODRIGUES, J. A.; GIUDICE, D. S. **A PESCA MARÍTIMA ARTESANAL COMO PRINCIPAL ATIVIDADE SOCIOECONÔMICA: O CASO DE CONCEIÇÃO DE VERA CRUZ, BA.** Cadernos do Logepa, v. 6, nº 2, p. 115-139, jul./dez. 2011. ISSN: 2237-7522;

RUDDLE, K. **Systems Knowledge: Dialogue, Relationship and Process. Environment, Development and Sustainability**, 2000, nº 2(3-4), p. 277-304;

SAFESEA. **Manual de apoio para a promoção de uma pesca mais sustentável e de um mar seguro para cetáceos.** 114 f. 55- 59 p. Disponível em: http://www.safeseaproject.org/uploads/documents/SAFESEA-Manual_de_apoio.pdf. Acesso em: 2019;

SANTOS, A.N. **DIAGNÓSTICO DAS CONDIÇÕES GEOAMBIENTAIS DA ORLA MARÍTIMA DA COSTA DAS BALEIAS, EXTREMO SUL DO ESTADO DA BAHIA** (Dissertação de Mestrado em Geologia). UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS. Salvador, 2006;

SANTOS, N. A. **Diagnóstico das condições geoambientais da orla marítima da Costa das Baleias, Extremo Sul do estado da Bahia.** Salvador, 2006;

SEAP; IBAMA; PROZEE. **Boletim da Pesca Marítima e Estuarina do Nordeste do Brasil.** In: **Monitoramento da Atividade pesqueira no Litoral Nordestino – Projeto Estatpesca.** Tamandaré, 2008;

SILVA, A. P. **Boletim de Pesquisa e Desenvolvimento: Pesca artesanal brasileira.** Aspectos conceituais, históricos, institucionais e prospectivos. ISSN 2358-6273; Fevereiro, 2014;

SILVA, D.F.; SILVA, D.F.; SOUSA, F.A.Z. **Degradação ambiental, ocupação irregular e manejo sustentável no complexo estuarino-lagunar Mundaú/Manguaba, Estado de Alagoas (AL).** Engenharia Ambiental-Espírito Santo do Pinhal, v.5, n.3, p. 152-170, set/dez 2008;

SILVA, N. R.; AZEVEDO, A.; FERREIRA, M. I. P. **Gestão dos recursos pesqueiros no Brasil e panorama da pesca artesanal em Macaé, RJ.** DOI: 10.5935/2177-4560.20120014.

SILVA, C. A. **História social da pesca e da modernização espacial do Rio de Janeiro:** a árdua tarefa de periodizar eventos. Tamoios, 2015, ano 11, nº 1, p. 2-19.

ANEXO I

Tabela 7. Nome da Embarcação, Tipo de Embarcação, Material de construção, Tamanho, Potência do Motor, nº de Tripulantes, Arte de Pesca, suas Características, os Pescados mais Capturados e Descartados.

Nome	Tipo	Material	Tam.	Motor	Tripulantes	Arte de Pesca	Características da arte de Pesca	Pescados + capturados	Pescados Descartados
-	Canoa	Madeira	7m	Vela	2 - Max3	Rede de caída	3000m de rede, malha 70mm	Sarda; Griacó; Cação; Dentão	-
-	Bateira	Madeira	5,5m	B11	2 - Max2	Gruzeira / Rede de espera	15x100m, malha 40;	Pescadinha; Bagre; Arraia	-
-	Barco	Madeira	9m	18Hp	2 - Max4	Rede de arrasto (balão) / Rede de espera	100m de rede, malha 35x40mm	Camarão VG; Pescadinha; Mistura	-
-	Barco	Madeira	13m	6 cilindros	Max 5	Rede de Espera / Linha de mão / Espinhel	Rede malha 40x50; 800 anzóis nº 17,14,12,18, linha 160,140	Cioba; Badejo;	Jiguraça
Anjos da Lei	Barco	Madeira	8,5m	MWM - 3 cilindros	1 - Max 3	Rede de arrasto (Balão)	20mm	Camarão sete barba; Camarão VG; Camarão Rosa	
A Purificação	Barco	Madeira	8m	4 cilindros	3 - Max 5	Rede de Espera / Linha de mão	2000m de rede (100/rede), malha 60x60; anzol nº 18, 1, linha 90, 100, 120, 180, 200	Corvina; Cação; Griacó; Arraia;	Arraia verde
Avatar	Barco	Madeira	8,8m	18Hp	2 - Max 4	Rede de Espera/ Linha de mão / Espinhel	Rede malha 60X60, 80m; anzol 7 e 17, linha90; 250 anzóis nº 4	Badejo; Garoupa; Dentão; Cirioba	-

Continuação da Tabela 9...

Nome	Tipo	Material	Tam.	Motor	Tripulantes	Arte de Pesca	Características da arte de Pesca	Pescados + capturados	Pescados Descartados
Alagoinhas	Barco	Madeira	8m	18Hp	3 - Max 3	Rede de espera	2000m de rede. Malha 50,60,70mm	Corvina; Cação; Sarda; Mistura	-
Ceará da Bahia	Barco	Madeira	7m	18Hp; 1 cilindro	3 - Max 3	Rede de arrasto (Balão)	20mm	Camarão	Mivale
Essênio	Barco	Madeira	10,6m	6 cilindros	4 - Max 6	Mergulho	-	Lagosta; Badejo; Dentão; Garoupa	
Fabio Junior	Barco	Madeira	7m	B18	2 - Max 3	Rede de arrasto (balão)	13m, malha 35x40	Camarão	-
Fátima 0	Barco	Madeira	14m	Scania 4x4 turb.	5 - Max 8	Espinhel	900 anzóis, 400 long-boia, linha 140, 160, 180	Garoupa; Badejo; Sarda; Budião	Curundeia, Pira (bom nome), João cachaça
Fé	Canoa	Madeira	6m	5.5 Hp	2 - Max 4	Rede de lancear (Tarrafa)	100m, malha 50mm	Robalo; Canapeba; Canoá	-
Filomena	Barco	Madeira	6m	11 Hp	2 - Max 6	Rede de arrasto (balão) / Linha de mão / Espinhel	13m/ rede, malha 25x35mm; anzóis 17, 18, 1, linha 70, 90, 120, 160; 40o anzóis, nº 15, seda e nylon	Bagre; Badejo; Pescada; Sarda; Baiacu	-

Continuação da Tabela 9...

Nome	Tipo	Material	Tamanho	Motor	Tripulantes	Arte de Pesca	Características da arte de Pesca	Pescados + capturados	Pescados Descartados
Força Maior I	Traineira	Madeira	18m	6 cilindros	13 - Max 13	Rede de Cerco/ Linha de mão	Anzóis nº 7 a 17	Guarajuba; Chincharro; Xaréu; Pescada; Barracuda; Guaiuba	-
Furto Mar	Barco	Madeira	11m	4 cilindros	4 - Max 6	Linha de mão	Anzóis 7, 8, 9, 1, 2, linha 160, 180, 70,80	Cioba; Badejo; Garoupa; Sarda; Peroá	-
Iasmim	Barco	Madeira	7,4m	BMS18	2 - Max 3	Rede de arrasto (Balão)	40 mm	Camarão; Pescadinha; Sarda	-
Índio	Canoa	Madeira	5,5m	7Hp	2 - Max 2	Rede de espera	65m de rede, malha 35x40mm	Pescadinha, Bagre, Camarão	-
Itanhém II	Bateira	Fibra	-	7,5Hp	2 - Max 4	Rede de caída	100m/rede, malha 45-50 mm /45-70 mm	Robalo; Pescadinha; Piximinha; Bagre; Camarão	Mistura
Juninho	Barco	Madeira	8,5m	B18	3 - Max 3	Rede de caída	100m de rede, malha 40 mm	Camarão VG; Pescadinha; Bagre; Camarão Miúdo	-
Leão de Judá	Barco	Madeira	9,5m	04 cilindros	5 - Max 5	Rede de espera	1000m de rede, malha 40 mm	Vacora; Guaricema	Sarda; Aguilhão
Luiz dos Reis	Barco	Madeira	12m	06 cilindros	5 - Max 7	Espinhel	600 anzóis, nº 4, linha 140	Dourado, Cavala; Aguilhão; Cachão	-
Luz da Vida	Barco	Madeira	10m	04 cilindros	3 - Max 5	Linha de mão	Anzóis 3,1 - Linha 140, 120, 160	Guaiuba; Badejo; Dentão	-

Continuação da Tabela 9...

Nome	Tipo	Material	Tamanho	Motor	Tripulantes	Arte de Pesca	Características da arte de Pesca	Pescados + capturados	Pescados Descartados
Milagre de Fé	Barco	Madeira	6,5m	B18	3 - Max 3	Rede de arrasto (balão)	14m, malha 25 mm	Camarão; Pescadinha	Siri; Mivale
Nira Mar	Barco	Madeira	12 m	04 cilindros	4 - Max 5	Mergulho	-	Lagosta; Badejo; Dentão	-
Peixol XIII	Barco	Madeira	13m	-	6 - Max 6	Rede de fundo / Linha de mão	70m/rede; Anzol 13-17, linha 100-180	Vermelho; Guaricema; Xaréu; Lagosta	-
Pradence	Barco	Madeira	8,5m	BMS18	3 - Max 3	Rede de arrasto/ Rede de espera	20 mm; malha 40 mm, 1000m de rede	Camarão; Pescadinha	-
Rio Tainha 2	Bateira	Fibra	7 m	7Hp	2 - Max 4	Rede de caída / Linha de mão	1300m de rede, malha 35-40 mm/ 50-50/ 50-70; anzol 22, 28, 24, Linha 60,70	Pescadinha; Camarão VG; Robalo; Bagre	-
Tarpom	Barco	Madeira	12m	6 cilindros	5 - Max 8	Espinhel	1500 anzóis, nº 8,7, linha 120, 140, 70, 80	Cioba; Badejo; Garoupa; Dentão	Mistura
Turipesca	Barco	Madeira	9,5m	4 cilindros	2 - Max 4	Rede de arrasto (balão)		Camarão	Siri; Mivale
-	Traineira	Madeira	24m	-	19 – Max 19	Rede de espera / Espinhel	Anzol nº13, linha 120 a 180	Sardinha maromba; Sardinha chata Tainha	Corvina; Bagre

Fonte: Elaborado pelo autor.

ANEXO II

QUESTIONÁRIO DE DIAGNÓSTICO PESQUEIRO

Entrevistador:	Clarita Silveira Reis	
Local:	Alcobaça - BA	Data:
Dados Pessoais		
1.	Nome do pescador entrevistado: _____.	
2.	Idade: _____ anos.	
3.	Formação escolar: () Fundamental – Incompleto; () Fundamental – Completo; () Médio – Incompleto; () Médio – Completo.	
4.	Estado civil: () Solteiro; () Casado; () Divorciado.	
5.	Tem Filhos: () Sim, quantos: _____; () Não.	
PESCA		
1.	É pescador profissional? () Sim; () Não.	
2.	Com que idade você começou a trabalhar? _____ anos.	
3.	É filiado a colônia de pescadores? () Sim; () Não.	
4.	Tempo em que Pesca em Alcobaça - Bahia: _____ anos.	
5.	Tem outra atividade que complementa a pesca: () Sim; () Não.	
	Qual? _____.	
6.	Possui embarcação própria? () Sim; () Não.	
	Nome do barco: _____.	
	Proprietário: _____.	
	Mestre do barco: _____ Tripulantes: _____.	

7. Qual o tipo de embarcação?

() Barcos () Canoa () Bateira () Jangada () Traineira () Saveiro () Lancha

8. Qual o material de fabricação da embarcação? () Madeira; () Ferro; () Fibras.

9. Qual o tamanho da embarcação? _____.

Propulsão da embarcação: () Vela; () Remo; () Motor–Potência:_____.

10. Quantos pescadores podem acomodar no barco? _____.

11. Qual (is) arte (s) de pesca utiliza?

() Rede de espera; () Linha de mão; () Tarrafa; () Espinhel; () Balão.

Outra: _____.

12. Rede: Tamanho da malha: _____ Dimensão: _____.

Material de fabricação: _____.

13. Linha de mão: Tamanho do anzol: _____ Tipo de linha: _____.

14. Espinhel: Quantidade e tamanho do anzol: _____.

Tipo de linha: _____.

15. Quais as espécies que são mais capturadas e vendidas:

1- _____;

2- _____;

3 - _____;

4- _____;

5 - _____;

6 - _____.

16. Quais as espécies que são descartadas:

1 - _____;

2 - _____;

3 - _____;

4 - _____;

5 - _____;

6 - _____.

17. Como faz a marcação do local de pesca? () GPS; () Marcos naturais;

() Outro: _____.

Quanto tempo gasta até chegar no local de pesca? _____.

18. Qual é a área de pesca (em milhas)? _____.

19. Qual a forma de armazenamento de pescado no barco?

() Isopor com gelo; () Pescado fresco; () Câmara fria; () Urna com gelo; () Salga.

20. Qual (is) a (s) espécie (s) que tem maior retorno econômico? Quanto custa?

_____.

21. Para onde é vendido o pescado capturado?

() Frigorífico; () Populares; () Atravessador; () Outro: _____.

22. Consegue sustentar a família com a pesca: () Sim; () Não.

23. Pretende manter os filhos na pesca: () Sim; () Não.

Por que: _____

 _____.

Aspectos Legais

1. Você conhece as leis relacionadas com a pesca? () Sim; () Não.

Quais? _____
 _____.

2. Você já recebeu orientação de alguma entidade, sobre as leis de pesca?

() Sim, Qual: _____;

() Não.

3. Você respeita as leis de pesca? () Sim; () Não.

4. Você conhece alguém que não respeita as leis? () Sim; () Não.

5. Conhece o Período de defeso? () Não;

() Sim, Quais: _____.

Respeita esse Período? () Sim; () Não.

7. Utiliza outra arte de Pesca ou realiza outra atividade durante o período de defeso?

() Sim, Qual: _____;

() Não.

8. Você recebe ou recebeu o seguro defeso? () Sim; () Não.

9. Já presenciou fiscalização no local de pesca? () Sim; () Não.

10. Conhece alguém que já teve o pescado ou embarcação apreendidos?

() Sim; () Não

11. Alguma outra espécie merece um período de defeso? () Sim; () Não.

Qual? _____.

12. Na sua opinião, a partir de que malha de rede deveria ser usada a pesca na cidade de Alcobaça: _____.

13. Quais são os principais problemas que o senhor tem como pescador de Alcobaça?

 _____.

14. Que sugestões o senhor daria para melhorar a pesca:

Etnoconhecimento

1. Qual a época (mês) do ano que captura mais pescado?

- () Verão (dez a mar); () Outono (mar a junho);
 () Inverno (jun a set); () Primavera (set a dez).

2. Qual a melhor maré para pesca?

3. Qual fase da lua é boa de pesca?

4. Tem algum período do dia ou da noite que é melhor de pescar? Por que?

5. Qual o peixe mais bravo e mais manso de pescar?

6. Conhece alguma coisa que espanta e atrai um peixe? () Sim; () Não.
 O que e qual peixe?

7. Algum peixe faz barulho? () Sim; () Não.

Qual? _____

8. Você acha que tem algum pescado reimoso? () Sim; () Não.

Qual pescado você acha reimoso?

Aspectos Ambientais

1. Tem notado mudanças na captura do pescado com o tempo? () Sim; () Não.

2. Enumere motivos que prejudicam a pesca na sua região.

Você acha que o estuário, o rio e o mar são poluição? () Sim; () Não.

4. Que tipo de poluição você apontaria?

5. Você procura preservar o meio ambiente? () Sim; () Não.

O que você faz para melhorar o meio ambiente de sua comunidade?

6. Acha necessário realizar um projeto para recuperação do estuário e rio da região?

() Sim; () Não.

Saúde e Segurança

1. Trabalha embarcado? () Sim; () Não.
2. Em caso de embarcado, as saídas para a pesca são:
() Diárias _____ dias; () Semanais _____ dias; () Outros; Especificar: _____ dias.
3. Quantas horas você trabalha, em média, por dia?
() 4 – 6 horas; () 6 – 8 horas; () mais de 8 horas.
4. Quantas horas de descanso, em média por dia?
() 4 – 6 horas; () 6 – 8 horas; () mais de 8 horas.
5. A que horas você se levanta para o trabalho? _____ horas.
6. E a que horas costuma se deitar? _____ horas.
7. Existem equipamentos de salvatagem em sua embarcação? () Sim; () Não.
Quais?

_____.
8. Utiliza roupa de proteção pessoal? () Sim; () Não.
9. Utiliza luvas e botas? () Sim; () Não.
10. Utiliza protetor solar? () Sim; () Não.
11. Local de trabalho se sente prejudicado/incomodado com:
Ruídos (); Vibrações (); Umidade (); Calor (); Frio (); Iluminação ().
Outros: _____.
12. Seu trabalho exige:
() Uso de força; () Movimentos repetitivos; () Longos períodos em pé;
() Longos períodos em posição desconfortável; () exposição ao sol.
13. Já ocorreu acidentes na embarcação em que trabalha? () Sim; () Não.
Quais acidentes são mais comuns?

_____.
14. Você sabe prestar os primeiros socorros? () Sim; () Não.
15. Você já esteve afastado por doença ou acidente do trabalho? () Sim; () Não.

Pro

que? _____

_____.

Por quanto tempo: _____

16. Sente Dores no corpo e articulações? () Sim; () Não.

Onde? _____.

Com qual frequência? _____.

17. Costuma usar remédio para dor? () Sim; () Não.

18. Nota irritação ou vermelhidão na pele? () Sim; () Não.

19. Possui alguma alergia? () Sim; () Não

Qual? _____.

20. Você já sofreu alguma fratura? () Sim; () Não.

Onde? _____.

21. Fuma: () Sim; () Não.

22. Ingere bebida alcoólica: () Sim; () Não.

23. Em geral, você diria que sua saúde é:

() Exelente; () Muito Boa; () Boa; () Ruim; () Muito Ruim.

24. Que fatores importantes, em sua opinião, poderiam melhorar as suas

condições de

trabalho? _____

_____.

ANEXO III**DECLARAÇÃO DE CONSCIÊNCIA DO ESTUDO PELA COMUNIDADE**

Eu, Pedro Samorony do Santos Oliveira, presidente da Colônia de Pescadores Z 24 de Alcobaça, Bahia, brasileiro, portador do RG 04.571.869-50, CPF 5538.391.105-72, residente e domiciliado na Rua 29 de Abril, Nº 106, Bairro Novelo, CEP 45910-000, venho através deste documento declarar para os devidos fins acadêmicos que a comunidade de pescadores da cidade de Alcobaça – BA está ciente do estudo (Caracterização, Saberes e Tradições da Pesca Artesanal em Alcobaça, Bahia) e da importância deste para o futuro aprimoramento da atividade pesqueira na região, a ser realizado pela estudante de graduação em Engenharia de Pesca da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB, Clarita Silveira Reis, brasileira, portadora do RG 13.762.392-56, CPF 038.515.955-21, orientada pelo professor e Doutor Moacyr Serafim Junior.

Presidente da Colônia de Pescadores Z 24 de Alcobaça – BA

Estudante responsável pelo estudo a ser desenvolvido

Orientadora responsável pelo estudo a ser desenvolvido

ANEXO IV**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Concordo em participar, como voluntário, do estudo que tem como pesquisadora responsável a aluna de graduação Clarita Silveira Reis, do curso de Engenharia de Pesca do Centro de Ciências Agrárias Ambientais e Biológicas - CCAAB da Universidade Federal Recôncavo da Bahia - UFRB, Campos Cruz das Almas - Ba, que pode ser contatado pelo telefone (75) 3621-9751. Tenho ciência de que o estudo tem em vista realizar entrevistas com Pescadores Artesanais, visando, por parte do referido aluno a realização de um trabalho de conclusão e estágio da disciplina de graduação. Minha participação consistirá em conceder uma entrevista que será transcrita. Entendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica, que os dados pessoais obtidos não serão divulgados, a não ser com prévia autorização, e que nesse caso será preservado o anonimato dos participantes, assegurando assim minha privacidade. Além disso, sei que posso abandonar minha participação na pesquisa quando quiser e que não receberei nenhum pagamento por esta participação.

Assinatura

Alcobaça, Bahia ___ de _____ de 2019